

o que é, como se faz

Direção espiritual

Frei Patrício Sciadini, OCD



PREPARAÇÃO: Carlos Alberto Bárbaro

DIAGRAMAÇÃO: Miriam de Melo

REVISÃO: Renato da Rocha

Edições Carmelitanas, OCD

Rua Piauí, 844 – Higienópolis

01241-000 São Paulo, SP

☎ (11) 3667-8499

e-mail: edcarmocd@bol.com.br

Edições Loyola

Rua 1822 nº 347 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

Caixa Postal 42.335 – 04218-970 – São Paulo, SP

☎ (11) 2914-1922

☎ (11) 2063-4275

Home page e vendas: www.loyola.com.br

Editorial: loyola@loyola.com.br

Vendas: vendas@loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-15-03577-9

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2008

Sumário

<i>Apresentação</i>	9
<i>Introdução</i>	15
CAPÍTULO 1	
<i>Ninguém pode viver sozinho</i>	19
Deus precisa de nós.....	24
Precisamos dos outros.....	27
CAPÍTULO 2	
<i>A direção espiritual no mundo de hoje</i>	31
Pluralismo religioso.....	34
CAPÍTULO 3	
<i>A direção espiritual</i>	37
a) Evolução histórica da direção espiritual.....	37
b) Identidade da direção espiritual.....	43
c) Funções do diretor espiritual.....	48

Apêndice: o problema da transferência na direção espiritual	53
Bibliografia.....	54
CAPÍTULO 4	
<i>O que é direção espiritual?</i>	55
Direção espiritual católica.....	58
CAPÍTULO 5	
<i>A direção espiritual no Antigo Testamento</i>	61
Deus.....	61
O homem.....	62
O profeta — diretor espiritual.....	64
CAPÍTULO 6	
<i>A direção espiritual no Novo Testamento</i>	65
A Trindade Santa como pedagoga da direção espiritual.....	68
Quem é meu próximo?.....	70
Evangelho: caminho de direção espiritual.....	71
Docilidade à Trindade.....	72
CAPÍTULO 7	
<i>Quando e como fazer a direção espiritual?</i>	81
Como se desenvolve o diálogo?.....	84
CAPÍTULO 8	
<i>O diretor espiritual</i>	89
Qualidades necessárias para um bom diretor espiritual.....	90
Diretor espiritual em São João da Cruz.....	96
CAPÍTULO 9	
<i>Relacionamento entre diretor espiritual e dirigido</i>	99
Amizade sincera.....	100

CAPÍTULO 10

<i>Quem pode ser diretor espiritual?</i>	103
O sacerdote.....	104
Os religiosos e religiosas.....	104
Formadores e formadoras das novas comunidades.....	105
Catequistas.....	105
Pais.....	106
Professores.....	107

CAPÍTULO 11

<i>Pode-se mudar de diretor espiritual?</i>	109
Mudar de diretor espiritual.....	110
Quando devemos mudar de diretor espiritual?.....	111
Podemos ter mais diretores espirituais?.....	113
A direção por carta? Por internet?.....	114

CAPÍTULO 12

<i>Conteúdo da direção espiritual</i>	115
---	-----

CAPÍTULO 13

<i>A direção espiritual na escolha vocacional</i>	121
Primeira vocação: viver a vida.....	123
Vocação cristã.....	124
Projeto de Deus.....	125
Vocação matrimonial.....	126
Vocação sacerdotal à vida consagrada.....	126
Motivações insuficientes para o sacerdócio.....	127
Orientações úteis.....	129
Contra-indicações.....	130

CAPÍTULO 14

<i>A direção espiritual nas noites escuras</i>	137
As noites de Santa Teresinha.....	137
São João da Cruz.....	140
<i>Conclusão</i>	145

Apresentação

É só entrar numa livraria e curiosar entre os títulos dos livros mais vendidos e você vai encontrar os de “mútua ajuda”: manuais de bons relacionamentos que se encarregam, em poucas lições, de ajudar as pessoas a superar as dificuldades e encontrar a paz e a felicidade para sempre. Há livros de “gurus” ou de “mestres” que prometem muitas coisas, mas raramente você vai encontrar livros de grandes místicos cristãos, como João da Cruz, Teresa de Ávila, Inácio de Loyola ou dos Padres da Igreja. Estes autores não interessam para uma sociedade que se preocupa com uma felicidade imediatista e que não compromete.

É muito difícil encontrar livros de direção espiritual nas livrarias leigas, e se existem, estão no depósito ou escondidos debaixo dos móveis para não serem vistos. Sempre me perguntei o porquê desta atitude premeditada contra os livros católicos, enquanto as prateleiras estão repletas de livros espíritas ou de diários psicografados por médiuns, que vendem como água. Provavelmente não terei a resposta — e, se existir, não sei quando a irei descobrir..

Não sei explicar também por que autores de outras tendências citam quase literalmente os místicos cristãos e nunca os citam entre os autores consultados. Às vezes, esta atitude parece uma tomada de posição pouco ética. Creio que não haja nenhum autor que escreva sobre relacionamento humano que não tenha lido a Bíblia, especialmente o evangelho. No entanto, estou convencido de que os místicos cristãos e uma grande safra de autores espirituais têm muito a dizer sobre a mútua ajuda ou sobre um bom relacionamento entre os humanos.

Este pequeno livro, *Direção espiritual, o que é, como se faz*, é uma resposta a muitos pedidos que tenho recebido para escrever sobre a direção espiritual numa forma simples e acessível para todos. Aliás, a minha linguagem não é difícil por dois motivos: primeiro, porque não conheço palavras difíceis por causa da minha pouca cultura e, segundo, porque sempre me preocupo com que os outros compreendam o que eu tenho intenção de dizer. A comunicação não deve necessitar de se carregar um dicionário ao lado.

Este livro se propõe a oferecer um quadro geral da necessidade da direção espiritual. Há também um capítulo sobre uma visão histórica do nascer e desenvolver da direção espiritual, extraído do livro *Teologia da Espiritualidade Cristã*, do meu amigo e diretor de Edições Loyola, que me incentivou a escrever esta obra, Padre Danilo Mondoni.

O livro apresenta uma metodologia simples, objetiva, do que o diretor espiritual tenciona para ajudar as pessoas que o procuram, com seu caminho e etapas. Sempre é necessário ter presente diante dos olhos o ideal ao qual queremos levar a pessoa. É o ideal

é Cristo Jesus. A direção espiritual não tem outra finalidade senão promover e ajudar o crescimento de quem quer levar a sério a sua opção pelo evangelho. Não devemos confundi-la, logicamente, com o sacramento da confissão, em que se exige o exercício do sacerdócio, nem com análise clínica, na qual se exige o profissionalismo da área das ciências psicológicas.

A direção espiritual está na linha da mistagogia, isto é, do múnus profético de pessoas que, tendo encontrado Jesus, querem comunicar esta experiência por meio da própria vida. Aos profissionais se exige a competência profissional e não a coerência de vida. Ninguém vai perguntar ao ortopedista se ele é católico, ou divorciado, ou qual é sua filosofia de vida; não interessa. Buscamos nele um profissional competente que saiba a ciência e arte de nos curar.

Não é assim na direção espiritual. Aí, nós exigimos, antes de colocar o nosso íntimo nas mãos e no coração de alguém, que a pessoa seja coerente com a fé que professa e tenha os dons necessários para fazer-nos passar por uma conversão e chegar à plenitude do mistério de Cristo Jesus e à santidade.

O caminho da fé passa por noites escuras e nestas noites necessitamos de guias seguros. Somente os que já percorreram esses caminhos poderão nos ajudar. A direção espiritual não é propriedade de alguns gurus da Igreja, mas missão de todo cristão que esteja preparado para isto, e fundamente sua ajuda na oração, na palavra de Deus, na sua experiência e na dos outros.

A Igreja deve instituir — não sei quando nem como — o “ministério da direção espiritual” para que leigos preparados intelectual e espiritualmente possam colocar-se, por meio da diaconia

da escuta, à disposição de todos os que querem viver com amor e perseverança os apelos de Cristo Jesus.

Que este pequeno livro possa suscitar interesse e ajudar a quem tem esse desejo de viver o evangelho e ajudar os outros a vivê-lo. Claro que, como carmelita descalço, dou um espaço grande e relevante aos grandes místicos do Carmelo: São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Eles buscaram a Deus, encontraram-no e não o guardaram para si, mas comunicaram-no aos outros, mostrando como superar as dificuldades e chegar à profunda e misteriosa contemplação das coisas de Deus. Todos somos chamados a isto. Viver e ensinar os caminhos da vivência do amor. Por meio da direção espiritual, todos podemos chegar a cantar com Santa Teresa de Ávila:

Nada te perturbe,
Nada te amedronte,
Tudo passa.
Deus não muda.
A paciência tudo alcança.
Quem a Deus tem nada lhe falta.
Só Deus basta.

Ou, com São João da Cruz, a máxima da perfeição:

Esquecimento do criado.
Memória do Criador.
Atenção ao interior
E estar amando o amado.

Não há pessoa que não necessite de diretor espiritual. Todos temos momentos em que, sozinhos, não sabemos como caminhar. Precisamos de luzes e de ajuda, desde o Papa ao Presidente da República, do mais douto à pessoa que, perdida na confusão da cidade, necessita que alguém lhe indique o caminho. Todos precisamos de ajuda e quanto mais alto quisermos chegar, mais necessitaremos de bons guias.

FREI PATRÍCIO SCIADINI, OCD.

Introdução

A ótima acolhida ao meu livro *A pedagogia da direção espiritual*, publicado por Edições Loyola, estimulou-me, em consideração aos muitos pedidos, a elaborar dele uma síntese, para que mais pessoas pudessem aprender ou compreender melhor a arte de orientar as pessoas a um encontro mais maduro com Deus, a uma experiência da oração e a se sentirem mais envolvidas no caminho espiritual.

Fazer síntese de livro é difícil, se não quase impossível. Prefiri portanto não voltar ao livro anteriormente escrito, optando por escrever um outro sobre o mesmo tema, apenas mais simples e acessível em consideração a seus novos destinatários. O ministério da direção espiritual não é “clerical”, no sentido de propriedade exclusiva dos clérigos ou de algumas pessoas privilegiadas. É, sim, tarefa de todo cristão comprometido, engajado no evangelho e na Igreja, e que quer guiar outras pessoas a experimentar a alegria da fé.

O segredo para crescer na fé é comunicá-la a todos os que encontrarmos na vida, passar para os demais não só a nossa experiência mas também a experiência adquirida pelo estudo, pela

escuta dos outros. A direção espiritual “informal” é realizada por todos os cristãos. A Igreja vive um momento muito rico de sua realidade histórica. O constante reavivamento do anúncio da palavra desperta em muitos cristãos, nos quais os valores da fé estavam adormecidos, um novo desejo de reassumir o caminho com seriedade e uma conversão radical.

No processo de conversão e de volta à Igreja, não podemos caminhar sozinhos; necessitamos de irmãos e irmãs de caminhada que nos orientem sobre como devemos nos comportar para não desanimar e para viver melhor o nosso encontro com Jesus.

As novas comunidades cristãs perceberam que isto é possível somente mediante um acompanhamento, ou, como eles gostam de dizer, por intermédio de um “formador pessoal ou comunitário” que os oriente no dia-a-dia. Não é outra coisa que exercer a direção espiritual com novos nomes mas com o mesmo conteúdo.

Este pequeno livro, um pouco metodológico, pois voltado para iniciantes no trabalho da direção espiritual, tem como finalidade despertar as pessoas que querem assumir essa diaconia a se prepararem bem. Tudo que nos ajuda a conhecer o ser humano em suas realidades boas ou menos boas, em sua harmonia ou desarmonia, sem dúvida poderá ajudar na orientação espiritual. A orientação espiritual é algo que encontramos presente em todas as religiões em que há sempre “alguém” que tem como missão tornar-se iniciador de outros nos mistérios e no conhecimento religioso.

É urgente na pastoral da Igreja sair da pastoral “massificada” e reencontrar uma pastoral personificada, individual, na qual a pessoa deixa de ser número e, na sua individualidade, passa a ser

orientada para encontrar o seu caminho de vivência evangélica. Isto somente será possível na medida em que os leigos, preparando-se, assumirem este ministério da direção espiritual.

É bom frisar que a direção espiritual não é acompanhamento psicológico, terapia individual ou de grupo, nem análise psicanalítica. É, sim, acompanhamento espiritual, que sem desprezar todos esses meios humanos sabe que na esfera da fé o encontro com Deus e a experiência do sagrado ultrapassam as normas humanas.

Este livro sobre direção espiritual quer ser uma ajuda para todos nós que temos sempre a dupla responsabilidade: “pedir ajuda aos outros quando nos encontramos em dificuldade e oferecer ajuda aos que recorrem a nós desejando que os ajudemos a superar os momentos tristes da vida para reencontrar a alegria de viver”.

Nunca esqueçamos que o livro base para uma boa direção espiritual é a Bíblia Sagrada, em que Deus, o autêntico formador, com sua pedagogia amorosa e forte, leva o ser humano a se converter e, por sua vez, tornar-se ele mesmo amigo dos demais orientando-os para o Deus vivo que ele encontrou.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, “não tendes outro mestre, eu sou o mestre”, diz Jesus.

Só poderemos ser mestres dos outros se tivermos tido a Jesus como mestre e formos constantemente seus discípulos.

Ninguém pode viver sozinho

A história humana é mestra da vida e nos ensina que ninguém nasce ou vive sozinho, mas é chamado a cooperar com os outros e com Deus para realizar o projeto que lhe é confiado. No mundo em que vivemos, essa afirmação pode parecer absurda e agressiva em razão de sermos todos marcados pela auto-suficiência e pelo mito da tecnologia, que cada vez mais pretende ignorar os outros e até mesmo a Deus. No entanto, todos já passamos em determinados momentos pela experiência de nos encontrarmos como que mergulhados numa espessa neblina noturna, necessitando então da ajuda de alguém para reencontrar o caminho certo.

O encontro com a sagrada Escritura nos faz compreender que o mesmo Deus, na sua economia da salvação, precisa da nossa ajuda para conservar o universo que Ele mesmo criou sem a ajuda de ninguém. A primeira página do Gênesis nos mostra, no primeiro versículo, que o mundo era informe, vazio e caos e que o Senhor fez a luz para que todas as coisas pudessem ter um rosto definido e uma harmonia interior. Deus, depois de ter criado o universo e todas

as espécies, e não encontrando nenhuma criatura semelhante a Ele para dialogar e entrar em comunhão, disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,26). Ao ser humano, imagem e semelhança de Deus, confiou a responsabilidade de cuidar de todas as coisas, preservá-las para que pudessem desempenhar a própria missão.

O ser humano é apresentado na Escritura como centro de toda a Criação e principalmente como imagem visível do Deus invisível. Ao ser humano foi dada a responsabilidade de permanecer também atento às orientações do mesmo Deus, porque Ele é fonte de toda sabedoria e de todo amor.

O Salmo 8 canta a beleza da Criação, do céu estrelado, e principalmente a grandeza de Deus, Criador de tudo. Desde então, Deus e o homem sentem-se atraídos por uma força irresistível de reciprocidade. Podemos sem dúvida afirmar que Deus não pode se esquecer do ser humano e que o ser humano não pode se esquecer de Deus. Entre Deus e o homem, ao longo da história, realiza-se uma Aliança que nada e ninguém poderão romper porque Deus não pode ser infiel a sua própria promessa. Os místicos, desde Agostinho até Charles de Foucauld, insistem nessa poderosa atração amorosa pela qual Deus vai continuamente à procura do ser humano para que ele não se perca nos desertos da vida. Santo Agostinho recorda com fina sabedoria e psicologia que somos criados por Deus e que o nosso coração permanece inquieto enquanto não descansa em Deus.

João da Cruz, com muita força e convicção ao longo de seus escritos, de forma explícita e implícita, diz: "Se é verdade que o

homem procura Deus, é ainda mais verdade que Deus procura o homem". Esta teoria espiritual é o pano de fundo da doutrina do místico carmelitano. Subimos a montanha do Monte Carmelo, em cujo cimo está só a honra e a glória de Deus, porque somos atraídos pela beleza do infinito e pela superação dos nossos egoísmos, o que nos oferece o verdadeiro sentido da liberdade:

Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não abuseis, porém, da liberdade, usando-a como pretexto para servirdes à carne. Ao contrário, fazei-vos servos uns dos outros pela caridade. Pois toda a lei se encerra numa só palavra: "Amarás teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5,13-14).

A beleza da noite escura descrita por São João da Cruz está no fato de ela ser caminho obrigatório de purificação para chegar a contemplar a verdadeira Luz. Não se deveria falar de noite, mas sim de obscura luz, que lentamente vai clareando, inundando e pacificando todo o nosso ser: "Deus é noite porque é Luz, e é Luz, por isso é noite". O Cântico Espiritual de João da Cruz não é outra coisa que a plena pedagogia de alguém que quer chegar à mais íntima comunhão com Deus.

Mas como chegar a essa comunhão com Deus?

Precisamos encontrar alguém que tendo percorrido já esse caminho possa tornar-se, para os demais, mestre e guia seguro. O papa Bento XVI, na *Encíclica sobre a Esperança*, faz afirmações que nos ajudam a compreender que não somos indiferentes à felicidade ou à infelicidade dos outros, mas que vivemos numa profunda

complementaridade e reciprocidade. "Ninguém peca sozinho, ninguém se salva sozinho."

Há ainda um motivo que deve ser mencionado aqui, porque é importante para a prática da esperança cristã. No antigo judaísmo há também a idéia de que se possa ajudar, mediante a oração, os defuntos no seu estado intermédio (cf. por exemplo, 2Mc 12,38-45: obra do século I a.C.). A prática correspondente foi adotada pelos cristãos com grande naturalidade e é comum à Igreja oriental e ocidental.

O Oriente não conhece um sofrimento purificador e expiatório das almas no "além", mas conhece diversos graus de bem-aventurança ou também de sofrimento na condição intermédia. Às almas dos defuntos, porém, pode ser dado "alívio e refrigério" mediante a eucaristia, a oração e a esmola. O fato de que o amor possa chegar até ao além, que seja possível um mútuo dar e receber, permanecendo ligados uns aos outros por vínculos de afeto para além das fronteiras da morte, constituiu uma convicção fundamental do cristianismo por todos os séculos, e ainda hoje permanecê uma experiência reconfortante.

Quem não sentiria a necessidade de fazer chegar aos seus entes queridos, que já partiram para o além, um sinal de bondade, de gratidão ou mesmo de pedido de perdão? Aqui levantar-se-ia uma nova questão: se o "purgatório" consiste simplesmente em ser purificados pelo fogo no encontro com o Senhor, Juiz e Salvador, como pode então intervir uma terceira pessoa, ainda que particularmente ligada à outra? Ao fazermos esta

pergunta, deveremos dar-nos conta de que nenhum homem é uma mônada fechada em si mesma. As nossas vidas estão em profunda comunhão entre si; mediante numerosas interações estão concatenadas uma com a outra.

Ninguém vive só. Ninguém peca sozinho. Ninguém se salva sozinho. Continuamente entra na minha existência a vida dos outros: naquilo que penso, digo, faço e realizo. E vice-versa, a minha vida entra na dos outros: tanto para o mal como para o bem. Deste modo, a minha intercessão pelo outro não é de forma alguma uma coisa que lhe é estranha, uma coisa exterior, nem mesmo após a morte. Na trama do ser, o meu agradecimento a ele, a minha oração por ele pode significar uma pequena etapa da sua purificação. E para isso não é preciso converter o tempo terreno no tempo de Deus: na comunhão das almas fica superado o simples tempo terreno.

Nunca é tarde demais para tocar o coração do outro, nem é jamais inútil. Assim se esclarece melhor um elemento importante do conceito cristão de esperança. A nossa esperança é sempre essencialmente também esperança para os outros; só assim é verdadeiramente esperança também para mim. Como cristãos, não basta perguntarmo-nos: como posso salvar-me a mim mesmo? Deveremos antes perguntar-nos: o que posso fazer a fim de que os outros sejam salvos e nasça também para eles a estrela da esperança? Então terei feito também o máximo pela minha salvação pessoal (*Spe Salvi* 48).

A leitura dessa encíclica nos ajuda a entender que no mundo contemporâneo é preciso superar o indiferentismo orgulhoso e potente que nos impede de viver a humildade da mútua ajuda.

João da Cruz recorda, na primeira estrofe do Cântico, como toda vida é um caminho, um sair de si mesmo, rompendo as barreiras do egoísmo para buscar a verdadeira liberdade que está no encontro com Deus:

Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí, por ti clamando, e eras já ido.

“A chama viva de amor” de São João da Cruz, considerada a obra-prima desse grande místico, nos apresenta também o caminho que o ser humano deve seguir para chegar até Deus. Nessa obra João da Cruz apresenta como indispensável a presença dos diretores espirituais, que, tendo experiência vivencial e conhecimento teórico, tem como missão ajudar os que querem verdadeiramente harmonizar a própria vida interior com o projeto de Deus, que são chamados a desempenhar na própria historicização.

As palavras que João da Cruz dirige aos diretores espirituais são contundentes e duras porque a eles cabe a missão de discernir o que Deus espera das pessoas que lhes confia. Examinaremos esses textos ao abordarmos especificamente o tema do diretor espiritual.

Deus precisa de nós

Aos ouvidos puritanos e milagreiros de tantas pessoas esta afirmação pode até mesmo soar blasfema. Se Deus não precisasse

do ser humano para manifestar toda a sua bondade e amor, não o teria criado. Eu não sou biblista — aliás não sou nada —, por isso posso dizer o que penso sem muita preocupação sobre o que os outros podem pensar. Deus, plenitude de amor, quase que não podendo mais ser feliz sozinho explodiu o seu amor na obra da Criação e, principalmente, na criação do ser humano. O projeto que Deus tem para o ser humano é de uma grandeza impressionante. Deus não criou o ser humano para dominá-lo e para escravizá-lo, mas sim para fazer dele “um cooperador e um companheiro fiel” na obra da manutenção e conservação do mundo.

Acompanhando a trajetória do povo de Israel percebemos isso com clareza, algo no entanto ainda mais evidente no Novo Testamento, quando o apóstolo Paulo, em poucas palavras, nos oferece a visão que Deus, em Jesus Cristo, tem sobre o ser humano. Não somos fruto do acaso determinista, mas sim palavra de Deus pensada desde sempre e chamada a existir num tempo preestabelecido. Como Jesus viveu a sua hora, isto é, o seu tempo, também nós vivemos a nossa hora, o nosso tempo, aqui e agora.

Assim, antes da constituição do mundo, nos escolheu em Cristo, para sermos em amor santos e imaculados a seus olhos, predestinando-nos à adoção de filhos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça com que nos agraciou em seu Bem-amado (Ef 1,4-6).

Deus precisa de nós e nós precisamos de Deus. Nesse sentido, o ser humano traz em si mesmo, na própria engenharia genética,

um desejo profundo desse infinito. Parece, assim nos dizem os antropólogos, que ainda não foi descoberta uma civilização “atéia”. O divino, o sagrado, nas suas formas mais rudimentares ou desenvolvidas, faz parte do ser humano. Isto não nos maravilha quando tomamos consciência da nossa finitude e da infinitude de Deus.

O papa Bento XVI, ao falar dos lugares onde surge a esperança, nos recorda que o primeiro destes é a oração. Vale a pena meditar atentamente esse seu texto, porque nos ajuda a entender o desejo que o ser humano tem de Deus nos momentos mais difíceis da sua vida:

Primeiro e essencial lugar de aprendizagem da esperança é a oração. Quando já ninguém me escuta, Deus ainda me ouve. Quando já não posso falar com ninguém, nem invocar mais ninguém, a Deus sempre posso falar. Se não há mais ninguém que me possa ajudar — por tratar-se de uma necessidade ou de uma expectativa que supera a capacidade humana de esperar —, Ele pode. Se me encontro confinado numa extrema solidão, [...] o orante jamais está totalmente só. Dos seus treze anos de prisão, nove dos quais em isolamento, o inesquecível cardeal Nguyen Van Thuan deixou-nos um livrinho precioso: *Orações de esperança*. Durante esses treze anos aprisionada, numa situação de desespero aparentemente total, a escuta de Deus, o poder falar-Lhe, tornou-se para ele uma força crescente de esperança, que, depois da sua libertação, lhe permitiu ser para os homens em todo o mundo uma testemunha da esperança, daquela grande esperança que não declina, mesmo nas noites da solidão (*Spe Salvi* 32).

Precisamos dos outros

Ninguém se decide a pedir conselhos, orientações, se não sente necessidade. Aliás, sentimo-nos agredidos quando alguém, assumindo uma atitude de mestre e de profeta, nos oferece pratos cheios de conselhos e de fórmulas de uma vida feliz. A nossa caminhada é feita de interrogações, dúvidas, inseguranças. A nossa vida física sofre doenças e aí precisamos de médicos, a nossa psique fica abalada diante de situações de perdas, traições, decepções, fracassos; é quando sentimos que precisamos “de um amigo, ou de um profissional, para sair do emaranhado dos nossos problemas”. Essas constatações nos fazem compreender que necessitamos dos outros para ter uma vida de qualidade pessoal e relacional. Pode ser que haja também espertalhões que se aproveitando das situações concretas, das desestabilizações do ser humano, ofereçam, como propaganda enganosa, receitas milagrosas tanto no campo da fé como no campo profissional.

Convencer-nos da necessidade que temos para chegarmos à maturidade na nossa vida é o primeiro passo para nos decidirmos a buscar ajuda. Ninguém pode ajudar quem recusa qualquer oferta ou não se reconhece como doente. Nesse sentido, gostaria de convidar a uma leitura atenta da parábola da Misericórdia, conhecida como a parábola do Filho Pródigo (Lc 15, 11-32).

- Temos um jovem cansado de estar na casa do pai, desejoso de aventura, auto-suficiente, prepotente, que um belo dia pede ao pai a sua herança para iniciar um caminho “de pseudoliberalidade”.
- Fica ainda em casa por alguns dias, preparando suas coisas, e quem sabe perturbando a vida da família, para depois abandonar

a segurança, o calor humano, o afeto, a amizade e aventurar-se pelo mundo desconhecido.

- Vai longe, gasta tudo que tem numa vida desenfreada, de libertinagem ética, “gastando tudo com prostitutas e amigos até ser abandonado por todos e não ter nada para viver”. Uma vida sem sentido, sem esperança que o leva ainda mais longe.
- Em busca de sobrevivência se adapta a um trabalho quase escravo, humilhante, contrário a sua própria religião judaica, e vai cuidar dos porcos. Não tem o que comer, vive uma profunda depressão, mas possui ainda uma semente de dignidade pessoal.
- *Caindo em si mesmo* (v. 17). Reencontrando-se consigo mesmo, toma uma decisão corajosa: voltar para a casa do pai, onde nada lhe faltará. Não é o amor que o faz voltar, mas a experiência da miséria, da vergonha, do nada. Prepara, no silêncio e na solidão, um discurso que irá pronunciar diante do pai. “Quantos empregados do meu pai têm pão em abundância, e eu aqui morro de fome! Vou partir em busca de meu pai e lhe direi: ‘Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados.’”
- O pai espera silenciosamente a volta do filho. Provavelmente como todo pai que teve um filho que fugiu de casa, sobe no terraço para ver se o filho está voltando. Quando o vê de longe, o pai corre ao seu encontro, abraça-o e cobre-o de beijos.
- Restitui ao filho sua dignidade: “Trazei depressa e vesti nele a túnica mais preciosa, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei um bezerro bem gordo e matai-o. Vamos comer e

nos alegrar, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado”. Faz festa, a festa do reencontro, da volta, a festa do amor.

- O diálogo do pai para convencer o filho maior a participar da festa. A indiferença do filho, a inveja, o ciúmes porque o pai trata com amor o filho que tinha perdido e que agora voltou.

A parábola é incompleta, é a história da nossa vida que nós mesmos devemos escrever. Não diz se o filho que voltou ficou em casa ou saiu de novo e nem se o filho maior entrou para a festa ou fechou o seu coração à alegria da volta do irmão. O que podemos ver é que na história dessa parábola muitos são aqueles que cooperaram para a alegria da pessoa.

Ninguém pode viver sozinho.

A direção espiritual no mundo de hoje

As necessidades do ser humano vão e vêm segundo os momentos particulares que estamos vivendo. Os grandes sábios costumam dizer que não há nada de novo debaixo do sol, que as velhas verdades voltam vestidas com roupagens novas e os defeitos de hoje, que parecem tão modernos e atuais, de fato não são outra coisa que os velhos vícios capitais revestidos de prata e de ouro.

Nesse sentido, os velhos monges do deserto souberam individuar as raízes de todos os males, chamando as tendências básicas do ser humano, os instintos da carne como vícios capitais que devem ser dominados, vencidos ou pelo menos amansados para que não prejudiquem o reto desenvolvimento das faculdades mais nobres da nossa vida.

É claro que os mesmos vícios capitais, na era contemporânea, assumem também novas particularidades. Não faz muito tempo que houve um certo sensacionalismo que dava conta de ter a Igreja criado novos pecados capitais. Na verdade, não se tratava de outra coisa que não o desdobramento do vício da ganância e do poder que tanto prejudicam o nosso relacionamento.

As pessoas buscam com afã encontrar alguém que lhes indique métodos para superar a si mesmas e buscar a paz interior. O mundo atual, porém, rejeita quase que com violência toda a ingerência externa na vida pessoal. Cada qual acredita que na sua liberdade e capacidade pode gestar como quer a própria existência. A rejeição da autoridade paterna ou de toda forma de autoridade toca também a autoridade espiritual. Não nos espanta que em nome da liberdade a mesma autoridade da Igreja seja contestada violentamente com afirmações que não fazem sentido e não são coerentes.

Quem de nós já não ouviu alguém dizer “eu aceito, acredito em Jesus Cristo, mas não na sua Igreja”? Hoje se busca uma religião que massageie e satisfaça o próprio ego mas que não imponha normas para o nosso comportamento pessoal e social. Esta visão prejudica toda obra educativa em todos os setores da humanidade.

A direção espiritual não quer ser um método impositivo, mas sim uma orientação oferecida na pura gratuidade, para ajudar a superar as dificuldades que encontramos no nosso caminho. A liberdade individual de escolher e decidir o próprio futuro permanece intocável. O mesmo Deus zela com ciúmes para que a liberdade humana não seja reprimida e nem tampouco violentada.

Eis que hoje ponho diante de vós bênção e maldição; a bênção se obedecerdes aos mandamentos do *Senhor* vosso Deus, que hoje vos prescrevo; a maldição, se desobedecerdes aos mandamentos do *Senhor* vosso Deus e vos afastardes do caminho que hoje vos prescrevo, para seguides outros deuses que não conheceis (Dt 11,26-28).

Gosto muito de citar como exemplo o primeiro salmo, chamado “Os dois caminhos”: o caminho do bem e o caminho do mal. O indivíduo é chamado a decidir em todas as encruzilhadas da vida. Toda dicotomia, todo conflito interior e toda confusão de idéias não favorece o equilíbrio humano, emocional e espiritual. Jesus, com a clareza que Ele tem, nos recorda: “Não se pode servir a dois senhores, ou se amará um e se odiará o outro”.

A crise da direção espiritual vem de longe. Tem as suas raízes no iluminismo, no subjetivismo, numa auto-suficiência desesperadora que cria um super-homem fictício que aparentemente não necessita de ninguém. Mas na realidade traz em si mesmo uma grande insegurança e fragmentação interior, carregada de medo e de espiritualismos sem fundamento.

Parece que essa crise encontrou dentro da Igreja o seu ponto máximo no período pós conciliar do Vaticano II, quando a revolução intelectual e antropológica de 1968 influenciou o comportamento de todos nós. Naquele período, de muitos lados se percebia que o ser humano entrava num túnel em que queria caminhar sozinho. Mesmo nas trevas se sentia forte, procurando caminhos que ele mesmo não conhecia. Esse período parece estar em declínio, com a crise proporcionando novamente espaço ao surgimento de uma nova pedagogia e direção espiritual interativa.

A experiência que cada um de nós possui, nossos erros e conquistas, pode sem dúvida ajudar os que vierem depois de nós. Nota-se uma volta aos grandes místicos da Igreja, o redescobrir a sabedoria que não tem idade dos Padres do Deserto, dos Doutores da Igreja, dos teólogos, dos homens e mulheres que fizeram uma

grande experiência do sagrado e deixaram como herança os seus escritos para nós, pouco habituados ao silêncio e à solidão.

A crise da direção espiritual toca sempre também a crise do sacramento da reconciliação. Muitas vezes a confissão e a direção espiritual foram vistas unidas, embora sejam duas realidades totalmente diferentes. A direção espiritual (e às vezes também a confissão) foram substituídas pelos consultórios de psicologia e psicanálise, sem dúvida necessários para chegarmos ao equilíbrio do ser humano, mas insuficientes para gerar a santidade e criaturas novas em Cristo Jesus. O processo de conversão oferecido por Jesus Cristo vai além de uma simples mudança “de hábitos e de atitudes exteriores”. Ela deve tocar o âmago do ser humano.

Por isso o cristianismo não é uma ideologia e nem uma filosofia de vida, mas sim um encontro pessoal com Deus vivo e verdadeiro, anunciado pelos profetas e revelado na pessoa de Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

A direção espiritual se propõe ajudar alguém a encontrar Jesus até se identificar plenamente com Ele e poder dizer, com o apóstolo Paulo: “Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Esse caminho de encontro e de assimilação de Cristo não é fruto só do esforço humano, mas sim da graça e da ação do Espírito Santo em nós.

Pluralismo religioso

A crise antropológica e institucional da modernidade e da pós-modernidade atinge também os valores fundamentais e tradi-

cionais do ser humano. A religião não é mais vista como um valor fundamental que orienta todo o nosso agir, mas como algo que satisfaz as nossas emoções; por isso é que as pessoas procuram uma religião “sob medida”: para que tendo uma religiosidade possam sentir-se satisfeitas consigo e com a sociedade que reclama um espírito religioso, mesmo declarando-se atéia, agnóstica.

O nascer de muitas teorias religiosas e a importação das religiões orientais no mundo ocidental nem sempre são positivos, mas criam uma desestruturação da identidade humana. O próprio Dalai Lama, numa entrevista, não aconselhava os ocidentais a se converterem com muita facilidade ao budismo. Essas novas religiosidades, que sem dúvida são algo de válido porque manifestam que o ser humano não pode fazer a menos de Deus, têm como finalidade criar novas “experiências de Deus”.

Como poder encontrar e experimentar Deus nas novas modalidades da religiosidade? Alguns, movidos por um saudosismo, refugiam-se em formas tradicionais ou arcaicas, tentando fazer reviver as correntes mitológicas da antiga Grécia ou de Roma ou dos países nórdicos. Outros preferem percorrer os caminhos do esoterismo para que possam encontrar uma resposta às próprias angústias. Prova desta onda esotérica e de Nova Era são as prateleiras das livrarias cheias deste material provavelmente bem intencionado, mas mais numa linha comercial que numa linha de religiosidade.

Não por acaso poderíamos aplicar o princípio dos romanos, que numa pesquisa de mercado vieram a saber o que o povo precisava para ser mantido calmo e dominado: pão e circo. As-

sim, nos dias de hoje, há pessoas e pesquisadores da religião que criam novas formas de religiosidade, novos ritos e novos cultos com a finalidade de satisfazer as extravagâncias pseudomísticas. Podemos tranquilamente navegar na aldeia global das religiões ou religiosidades pela internet, encontrando aí desde o satanismo até a religião que adora as pedras e procura o espírito nas árvores e nas águas. É como se fosse “uma farofa de religiosidade” que ao invés de ajudar confunde ainda mais.

Diante desse quadro a Igreja Católica se preocupa em indicar alguns caminhos que têm como finalidade recolocar Deus no centro do coração humano e o homem no coração de Deus. Sem dúvida, a direção espiritual ou orientação, como se queira chamá-la, é muito necessária para quem quer viver uma vida de fé adulta e madura alicerçada não sobre as ondas do mar mas sim sobre a rocha, que é Cristo Jesus. A atitude que nós devemos ter é saber respeitar a religiosidade de cada pessoa, o que não significa concordar e nem tampouco aprovar. Somos chamados a apresentar a Verdade mesmo sendo causa de sofrimento para os anunciadores da Verdade.

3

*A direção espiritual**

Direção espiritual supõe vontade de mover-se, pois o Espírito tende a movimentar, a configurar a pessoa a Cristo. Exprime o interesse, o desejo e o empenho pela santidade, sendo uma ajuda nesse caminho.

a) Evolução histórica da direção espiritual

O guia humano, religioso ou espiritual, é um fenômeno universal. Já na antigüidade greco-romana existiam protótipos da direção espiritual, resultando evidente a necessidade humana de ser ajudado, a confiança de poder obter uma ajuda adequada às necessidades pessoais, e a disponibilidade dos mestres, coadjuvada por sua sensibilidade e compreensão.

No NT encontram-se exemplos de direção espiritual pessoal e comunitária, particularmente nos escritos referentes à vida e ati-

* Este capítulo foi extraído do livro *Teologia da Espiritualidade Cristã*, de Danilo Mondini, publicado por Edições Loyola.

vidade de Paulo. No entanto, foram os ambientes de vida ascética e mística que recorreram sistematicamente à prática da direção espiritual. Parece que foram duas as causas que determinaram esta orientação:

- 1) a fidelidade ao ideal de santidade da vida cristã;
- 2) a dificuldade de se recorrer a um confessor, devido à severidade da prática penitencial.

Com o desenvolvimento do eremitismo, da vida monástica e das diversas formas de vida consagrada, a direção espiritual começou a afirmar-se de modo regular. Instauraram-se relações entre ancião e jovem, mestre e discípulo, diretor e dirigido, superior e religioso; o motivo do encontro era a santidade, ou a experiência espiritual à qual os principiantes queriam aceder com a ajuda dos mais velhos. Os leigos também se dirigiam aos espirituais. Da tradição cristã mais antiga resultou que a condição para que uma pessoa fosse dotada para exercer o carisma de diretor ou padre espiritual era a de ser pneumático: quem recebeu o dom do conhecimento de Deus e tornou-se capaz de sondar os corações era reconhecido como padre espiritual.

No oriente encontramos a figura do pai ou ancião: é um espiritual nutrido da Escritura e que remete a ela. É em contato com ele, e pela abertura do coração, que se faz o aprendizado do discernimento e crescimento espirituais. Essa tradição enraizada nos Padres do deserto assumiu a figura da paternidade espiritual e prosseguiu na linguagem beneditina.

Para formar os novatos que vinham à experiência de deserto — partida para um “novo nascimento”, que passa pelas etapas do combate espiritual —, Antão ensinou uma pedagogia de direção espiritual que exigia uma submissão total à palavra do ancião. Eram duas as linhas de força dessa pedagogia:

- 1) alguém se forma vivendo em companhia: o novato deve seguir a escola do ancião — aquele que, pela prática intensa do deserto, tornou-se experimentado, um humano espiritual, apto para discernir o autêntico do aparente —; deve agir como o ancião, imitá-lo; deve abrir-se a ele e manifestar-lhe seus pensamentos, aprender a libertar-se de todo apego egoísta, a discernir os espíritos, a ler as Escrituras e a deixar que elas iluminem seu caminho;
- 2) autoridade especialmente reconhecida à palavra que põe em diálogo dois seres humanos desejosos da vontade de Deus: a palavra do ancião é considerada carismática, pois ele é um humano espiritual, e um dos frutos da presença do Espírito nele é essa graça da palavra, que o faz um educador espiritual.

Por suas *Conferências e Instituições*, Cassiano pôs ao alcance do monge do ocidente a sabedoria e a experiência dos monges do oriente. Com a vida monástica organizada por Bento, da pedagogia da palavra, com os Padres do deserto, passa-se à pedagogia da regra, na qual a figura do padre abade é vista como sacramento de Cristo — nele se sacramentaliza a ação de Deus, enquanto educador de seus irmãos para guiá-los à perfeição.

A linhagem do padre espiritual perpetuou-se nos séculos seguintes no Sinai, na Palestina, na Síria, na Capadócia e em Bizâncio. Com Simeão, o Novo Teólogo, a figura do padre espiritual atingiu um raro grau de consciência teológica. No século X, o monte Athos tornou-se o crisol da vida espiritual: nele os mestres espirituais eram iniciados, e dali partiam para levar a obra oculta do Espírito às novas terras ortodoxas — eslavos do sul, romenos, russos.

Francisco de Assis acentuou a dimensão fraterna do acompanhamento: para ele, a nenhum irmão se dá o título de superior, mas a todos, indistintamente, o de irmão menor; todos submissos, o irmão tem algo a nos ensinar; o lugar cotidiano e ordinário do acompanhamento é a fraternidade (“Com toda confiança, que cada um se abra a seu irmão e às suas necessidades, para que se obtenha e se busque reciprocamente o que é necessário”, *Primeira Regra* 9).

A *devotio moderna*, e particularmente Cisneros, utilizou a técnica do livro como meio de transmissão de uma pedagogia de aprofundamento pessoal da vida espiritual.

Teresa e Inácio acentuaram a primazia incondicional de Deus. Após experimentar a necessidade de conselheiros espirituais, Teresa elenca os elementos essenciais da pedagogia carmelita: a união com Deus passa pela via da oração; é aí que se desenvolve a ação imediata de Deus, com o devido lugar às mediações humanas (pioras, confessores, teólogos, conselheiros espirituais); o conselheiro espiritual deve ser prudente, seguro, experimentado e de doutrina, ou seja, alguém espiritual e sábio. Inácio sabe que é necessário deixar o Criador agir em sua criatura, mas sabe também que o ser humano deve se dispor a deixar-se encontrar por Deus; por isso empenha-se em

propor uma ajuda, segundo determinada pedagogia, para permitir que cada um busque e encontre Deus na disposição de sua vida; a vontade de buscar a Deus na face de cada interlocutor propicia-lhe o dom do “entretenimento espiritual” que, com o discernimento dos espíritos, é um de seus carismas; redigindo um livro para quem dá os Exercícios Espirituais, exige que seu conteúdo seja adaptado em função da necessidade de cada um: o papel do orientador será o de ser guardião da forma, do caminho pelo qual o exercitante se dispõe a buscar e encontrar Deus.

O século XVII assinala a idade de ouro da direção espiritual. As palavras “direção” ou “condução” são empregadas indistintamente. Sob o impulso de Francisco de Sales, com a *Introdução à vida devota*, o que se iniciara com a *devotio moderna* foi retomado e difundido. “Assim como Deus ordenou às plantas a produção de frutos, cada uma segundo sua espécie, também ordenou aos cristãos, que são as plantas vivas da Igreja, que produzam frutos de devoção, cada um segundo sua qualidade e vocação. A devoção deve ser exercida diferentemente pelo gentil-homem, pelo artesão, pelo criado, pelo príncipe, pela viúva, pela filha, pelo casado; e não só isso, mas é necessário adaptar sua prática às forças, ocupações e deveres de cada um” (*Introduction à la vie dévote*, Iª parte, cap. III, p. 21).

A partir do século XVIII a direção espiritual assumiu uma figura autoritária, ou pelo menos foi experimentada como tal. O discurso sobre a direção espiritual concentrou-se geralmente na figura do diretor, ou padre espiritual, como sua expressão. Provavelmente foi esta a razão de ter-se tornado uma instituição de formação.

A irrupção das ciências humanas em nossa cultura e a prática da escuta e da relação de ajuda nos domínios mais diversos — assistência social, aconselhamento conjugal, etc. — influenciaram profundamente a reflexão sobre o papel do conselheiro espiritual. A expressão acompanhamento originou-se nos círculos protestantes, a propósito do serviço de escuta e acompanhamento dos enfermos.

Na década seguinte ao Vaticano II, a função estável e o papel determinado que o padre espiritual representava foram herdados pelas partilhas ou revisões de vida, pelas conversas esporádicas com outros sacerdotes, pelo psicólogo ou analista. O espólio da imagem fluida e polivalente do antigo espiritual — confessor, mestre, conselheiro — foi repartido entre outros personagens, ou sua função substituída por outras funções.

Nos últimos tempos, houve a tentativa de substituir os termos tradicionais por outros mais correspondentes à sensibilidade hodierna. Direção soava como algo externo à pessoa, e espiritual como algo restrito aos problemas da alma. Pensou-se que os novos termos: conselheiro, psicólogo, acompanhante, animador, diálogo, aconselhamento, fossem mais aderentes à realidade concernente à direção espiritual, deslocando a centralidade da figura do diretor ao dirigido.

Mais recentemente apareceu um novo personagem que, embora mantenha o mesmo nome, não corresponde mais à imagem e função tradicionais do diretor ou padre espiritual. Seu surgimento está ligado à experiência dos retiros personalizados, onde o exercitante, ao mesmo tempo que realiza um encontro pessoal com Deus, se encontra com alguém a quem dá conta desta experiência.

Com meios pedagógicos diferentes, cada tradição nos diz que o principal é dispor-se à presença atuante e transformante do Espírito de Cristo. Essa experiência consiste em liberar-nos de nós mesmos para converter-nos em filhos de Deus e levar-nos a constituir um mundo de irmãos.

b) Identidade da direção espiritual

A renovação que a direção espiritual necessita refere-se ao respeito e espaço dados ao Espírito Santo. Os termos implantados do campo psicológico não são adequados para a expressão da natureza da direção espiritual, pois esta é essencialmente uma *realidade teológica*. Diante da natureza específica da vida espiritual, a psicologia não dispõe de meios adequados para substituir a direção espiritual; isto não quer dizer que não possa contribuir para ela, pois deve haver colaboração entre ambas. A distinção entre vida psíquica e espiritual requer o respeito dos diferentes níveis de vida a que se referem.

A vida espiritual é um dom, e só enquanto tal poderá ser conscientizada e reconhecida; é o dom da vida do Espírito em nós; é a vida cristã, e esta só pode ser compreendida como a vida humana enquanto acolhe o Espírito vivificante. Ela é evangélica — deixamo-nos guiar pela voz de Deus que nos fala através da Bíblia e dos acontecimentos —, eclesial — somos membros da Igreja e companheiros de viagem — e sacramental — remete à história silenciosa do Outro.

O caminho cristão de santidade significa a descoberta do projeto de Deus e o engajamento contínuo nele. Seu processo de

configuração da experiência espiritual tem como característica o fato de que a experiência pessoal e imediata de Deus acontece por e em Jesus Cristo. A comunhão com Cristo, mais do que simples sintonia intelectual ou afetiva com uma idéia, uma causa, uma utopia, é a experiência do fato de uma associação e participação pessoais, afetivas e efetivas, no mistério de sua pessoa e de seu destino; sua fé, sua esperança e seu amor na entrega de sua vida ao Pai e aos seres humanos se tornam nossa fé, nossa esperança e nosso amor.

As plurais manifestações do Espírito têm uma referência comum: a comunicação da história de Jesus Cristo como epigênese da humanidade de todos nós. É ao Espírito Santo que a linguagem do NT e da fé cristã atribuem a assimilação e a comunhão da humanidade na trindade de Deus. É no Espírito que acedemos à nossa humanidade real, acedendo ou sendo assumidos na unidade trinitária da divindade de Deus. Só na medida em que este acesso se realiza consciente, ou reconhecidamente, é que a universalidade concreta de Deus se realiza e o Reino acontece.

Sob o aspecto dos protagonistas, a direção espiritual é o caminho e a comunicação onde tomam parte a pessoa que se empenha pela santidade, a pessoa que a ajuda a progredir, e o Espírito Santo, que dirige efetivamente.

O encontro entre Deus e o ser humano é um processo, ou uma história, onde ambos, reconhecendo-se, se personalizam. Essa situação significa que Deus e o ser humano começam a partilhar de alguma maneira um tempo e um espaço comuns, ou que o tempo e o espaço começam a existir de outra maneira, recriados, na medida em que o mundo não é mais visto só com os próprios

olhos e o tempo não é mais sentido a partir da própria saudade ou do próprio projeto, mas partilhado por uma presença que faz o presente realmente existir.

A necessidade da direção espiritual resulta óbvia somente se é vista como uma pedagogia de fé. Apenas há sentido ter um diretor espiritual quando existe a vontade sincera de empreender o caminho cristão de santidade sob a direção de um guia; muitas pessoas, valendo-se de quanto a Igreja oferece na liturgia, já recebem uma orientação espiritual suficiente.

As motivações a favor da necessidade da direção espiritual devem ser buscadas no significado dos meios que a Igreja dispõe para a vida espiritual de uma pessoa e de uma comunidade. Apóia-se numa base antropológica — o ser humano encontra a si mesmo no encontro com o outro — e teológica — a realidade relacional do corpo místico de Cristo.

Como forma de ajuda, a direção espiritual destina-se não somente a quem se encontra em dificuldade, mas estende-se a toda pessoa que empreende o caminho cristão de santidade. Deve ajudar na clarificação dos motivos pelos quais se assume tal caminho, pois podem provir de um fundo narcisístico, de aspirações pessoais, e também do desejo de ser útil aos outros. Quando alguém não tem ou não tomou consciência da experiência de Deus, isto é, quando essa experiência não é pessoal, corre-se o risco de que aquilo que é denominado encontro com Deus não seja mais do que uma espécie de metáfora do encontro com o próprio eu pessoal — a alteridade de Deus não é reconhecida de fato. É possível ter uma prática litúrgica, e até devocional, e um discurso

religioso, e até teológico, vazios, ociosos de conteúdo, ou apenas cheios do próprio eu e suas fantasias.

O critério fundamental que deve orientar todo o caminho da direção espiritual é o bem espiritual da pessoa dirigida. A imposição de todo o ministério da direção espiritual, que está a serviço da caridade, dependerá da imagem de Deus e do ser humano que o diretor construir para si.

O acompanhamento espiritual é um serviço que deve envia-los todos os esforços para colocar cada um nas melhores condições para descobrir o apelo que Deus lhe dirige e para responder a esse apelo.

A ocasião e os motivos que podem dar início ao processo da direção espiritual podem ser tão variados e diferentes quanto as situações vividas e as circunstâncias pessoais de quem o procura e inicia. Tal processo só começa a existir quando o objeto ou assunto do diálogo diretor/ dirigido está centrado na experiência espiritual (experiência pessoal de Deus) da pessoa que procura orientação. Dizer que o centro da direção espiritual deve ser a experiência de Deus, significa que a pessoa, de alguma maneira, está tomando consciência da ação imediata de Deus em sua vida; é alguém que experimenta ser sujeito e objeto de uma experiência.

A direção espiritual só deslancha realmente quando alguém sente a experiência pessoal e imediata de Deus, e quando esta o desassossega. Isto não significa que tal pessoa tenha uma experiência mística: basta sentir que encontrou "Alguém". Sendo assim, a pessoa sente a necessidade de procurar um caminho para se orientar nessa nova situação; a procura da direção espiritual só tem sentido

como um meio para atingir algo ou alguém que não começa nem termina em si mesmo.

O diálogo diretor/ dirigido não é espiritual quando se fala de Deus, mas quando se tenta ouvir Deus que fala na narração. Esta conta o modo como ele age e o modo como alguém age em relação a ele; quando Deus acontece como aquele que duas pessoas encontram e escutam precisamente através das palavras que uma diz à outra. É por isto que não existe nenhuma técnica, arte ou método que possa conseguir que essa tentativa de escutar Deus que fala nas palavras do outro se transforme ou resulte numa real escuta de Deus. Com efeito, a palavra de Deus não se produz nem se prova a não ser por si mesma e a partir de si mesma; é nas experiências recíprocas da inspiração da palavra e da obediência do ouvido que Deus acontece como Deus na relação entre as duas pessoas que conversam. Como o diálogo é o instrumento indispensável em vista do crescimento na direção espiritual, desaconselha-se a forma epistolar.

Alguns desejam conhecer técnicas para aplicá-las na direção espiritual, outros andam à cata de textos para ler. É ilusório pensar em técnicas, pois entram em contradição com a natureza da direção espiritual. Não é somente o estudo que garante uma boa direção espiritual: para ser um bom diretor espiritual é necessário, primeiramente, ser um bom dirigido.

Do ponto de vista pedagógico, a direção espiritual deve levar as pessoas à maturidade que lhes permita caminhar de modo autônomo, sob a guia do Espírito Santo. Na direção espiritual, zelo indiscreto, militância e propaganda vocacional suporiam um atentado às liberdades de Deus e do dirigido. O diretor espiritual

não é a referência original e orientante; não é graças a ele que o espaço da experiência começa a existir, nem em direção a ele que a relação se constitui como um caminho nesse espaço; não é começo nem fim, isto é, não pode ocupar os lugares nem de Deus nem do dirigido.

O progresso é a meta dominante da direção espiritual. Isto implica um movimento gradual: o crescimento vital se atua por graus e exige tempo. Se de uma parte a direção espiritual não pode tolerar uma situação estagnante, por outra é seu dever agir com senso de concreção. O progresso do dirigido também incide sobre o diretor: ele se sentirá sustentado pela caridade ao reconhecer na vida do dirigido a presença e ação do Espírito Santo, que é o agente principal da direção espiritual.

c) Funções do diretor espiritual

Acompanhar não significa impor um itinerário a uma pessoa, nem conhecer a direção que ela vai tomar, mas caminhar a seu lado. Todo trabalho consiste em ajudar a pessoa a descobrir seu caminho no Espírito. Trata-se de ajudar uma liberdade a crescer na fé, na esperança e no amor, para descobrir o caminho de vida, no seguimento de Cristo, que conduz ao Pai e aos irmãos.

Na direção espiritual, o mais importante é que a pessoa possa exprimir ao outro, pelos eventos ou apelos internos que Deus lhe suscita, aquilo que a afeta no encontro com a palavra de Deus. Quem escuta deve propor uma atividade de discernimento: ele não está aí para dar conselhos, mas para permitir que o outro

remeta-se a si mesmo (a escuta permite que o outro se estruture: é falando que alguém se apropria de sua própria existência); deve favorecê-lo em lucidez sobre o que vive, para que o apelo de Deus possa crescer e produzir frutos.

O diretor espiritual deve distinguir-se pela caridade, ciência e experiência. Às vezes pode ocorrer que sua competência não corresponda ao grau do progresso espiritual da pessoa que requer a direção espiritual. Ele não é um mestre ou guru, um superior, um confessor (a confissão não deve ser a finalidade última da direção espiritual), um moralista, conselheiro, ou um terapeuta, mas alguém, homem ou mulher, a quem foi dado o carisma de ajudar a discernir a experiência espiritual de outra pessoa.

A relação entre Deus e a pessoa deve ser deixada e respeitada em sua imediatez. O diretor espiritual está no meio, não de Deus e do dirigido, mas de possibilidades e caminhos que ainda não se definiram, e que ele não pode nem deve definir; sua função não consiste em orientar diretamente, mas em ajudar a localizar ou situar a trajetória da relação mútua entre Deus e o dirigido no espaço e no tempo criados pela própria relação. A realização concreta da *função teográfica* da direção espiritual só pode acontecer procurando as marcas desse posicionamento e dessa trajetória que aparecem na narração, no discurso que o dirigido faz de sua experiência espiritual.

A função teográfica suscita por si mesma e necessariamente a *função mistagógica* (iniciação ao mistério, introdução ao conhecimento e experiência do mistério da vida cristã), graças à qual os lugares do espaço teográfico recebem nomes teológicos. Trata-se de escutar a

pessoa que fala de si mesma, de Deus, e da relação entre ambos; é unicamente nessa linguagem e por meio dela que o diretor espiritual pode ter acesso à situação do dirigido, a seu mundo espiritual. A função de ajuda começa pela atenção às palavras do dirigido, pela escuta; esta atitude atenta e respeitosa é uma atitude de fé na ação de Deus que se revela através das palavras do dirigido.

Na Bíblia o povo vai encontrando os nomes para falar com Deus e para falar de Deus. É de extrema importância perceber a maneira como Deus é nomeado por cada pessoa. Neste indício lingüístico pode-se encontrar o índice da situação espiritual de alguém no momento em que está falando, e também a história dessa situação, assim como as possibilidades oferecidas a uma orientação que possa ajudar a progredir na experiência de Deus.

Dizer Deus, Senhor, Pai, Filho, Jesus, Espírito, não significa exatamente a mesma coisa; essas palavras são indício de experiências diferentes, ou melhor, de momentos diferentes da mesma experiência de Deus no cristianismo. *Um uso indiferenciado ou monossêmico desses nomes é indício de que a experiência não está sendo articulada com a vida*, é um sinal de que a experiência não tem história; significa que a alteridade de Deus não está sendo reconhecida ou que ela é ainda e apenas abstrata.

A especificidade cristã da experiência espiritual começa a acontecer a partir do momento imprevisível em que Jesus Cristo se torna alguém concreto, isto é, a partir do momento em que seu nome e pessoa formam uma unidade indissolúvel. É possível que o nome de Jesus Cristo seja utilizado sem que a nomeação signifique uma relação de reciprocidade pessoal. Jesus Cristo pode ser apenas

um nome por trás do qual não há experiência pessoal e imediata de Deus. Às vezes é nomeado, mas seu nome é neutralizado, porque o conteúdo ou o sentido que esse nome recobre não corresponde à sua alteridade pessoal (divina e humana). O nome de Jesus Cristo pode ser neutralizado quando seu sentido é em tudo equivalente ao da palavra Deus: trata-se de uma espécie de modalismo ou então de monofisismo da experiência espiritual; no pólo oposto situa-se uma linguagem em que este nome quase que faz desaparecer o nome de Deus e pode até aparecer como que em concorrência e rivalidade com ele — experiência nestoriana. *O nome de Jesus Cristo transforma-se num nome-reflexo de realidades que não são ele*, uma espécie de cabide onde, *dependendo das idades e das ideologias, se penduram aqueles adjetivos ou atributos que mais correspondem aos anseios das pessoas ou dos grupos*. A questão aqui não é um problema de ortodoxia ou heterodoxia dogmático-objetivas, mas subjetivas, isto é, da nomeação reta ou direta de alguém, utilizando o nome que lhe é próprio ou impróprio — reconhecimento ou nomeação da verdadeira identidade desse alguém, o não-reconhecimento de sua alteridade. Jesus Cristo é sempre um dom gratuito que ninguém inventa, descobre ou deduz por si mesmo; é ele quem se revela, ou melhor, é revelado pelo Pai.

A função do orientador consistirá em ajudar o orientado na interpretação da própria experiência numa chave de leitura que seja nova em relação às leituras não espirituais. Ajudar a comparar esse texto com os textos bíblicos que mostram a história dos seres humanos afetada por Deus e a história de Deus afetada pelos humanos. É a partir dessa comparação de textos e do seu confronto que se pode

produzir uma espécie de fusão do horizonte da experiência espiritual com o horizonte mais amplo da experiência bíblica e eclesial. Nessa fusão, o passado e o futuro pessoais do orientando vão se inserindo aos poucos nas coordenadas da história, na memória e na esperança da salvação e na contemporaneidade de Deus; o orientado pode ir aprendendo ou reconhecendo sua linguagem materna e comum; a linguagem do povo de Deus, a linguagem eclesial.

O resultado da leitura espiritual da própria experiência e de seu confronto com a palavra de Deus acabará conduzindo a pessoa a se perguntar sobre o sentido que deverá ser dado à própria experiência, isto é, em termos do que tem feito, do que faz e do que deve fazer da própria vida e com a própria liberdade.

É fundamental que não haja defasagem entre experiência espiritual da palavra-vontade de Deus e experiência moral, mas que se articulem e se unifiquem reciprocamente. Riscos possíveis:

- 1) a experiência moral esteja determinada por fatores pré-espirituais, isto é, a autocompreensão moral permaneça num estágio prévio à experiência pessoal de Deus;
- 2) a experiência espiritual acabe dispensando a consciência moral ou a eticidade, ou que haja superação da moral pessoal em favor da social, ou ainda desprezo do social e ênfase do individual.

A ajuda do orientador deverá consistir em fazer com que o orientando caia na conta do sentido real de seu comportamento, e a partir daí avalie a motivação que o leva a valorizar ou desvalorizar uns comportamentos em relação a outros. Trata-se de avaliar

o desejo e a liberdade. Essa avaliação só é possível em relação à referência do desejo e da vontade do outro; sendo assim, a genealogia da moral se destacará gradativamente dos conflitos entre heteronomia, autonomia e anomia.

Como teógrafo e mistagogo, o diretor espiritual ajuda quem o procura a perceber e localizar em sua vida os sinais ou as marcas da presença de Deus, a descobrir e tornar mais consciente na história da experiência espiritual de cada pessoa a maneira segundo a qual ela é encaminhada e conduzida por Deus, ou a maneira segundo a qual Deus, que pelo Espírito revelou seu mistério na história de Jesus Cristo, se manifesta na história do dirigido. A atenção do diretor deve estar voltada para essas duas histórias e para a progressiva fusão de seus dois horizontes. As marcas linguísticas são o sinal audível da palavra de Deus na linguagem humana da pessoa que narra sua experiência espiritual. A consolação e a desolação são os sintomas sensíveis da presença de Deus na afetividade da mesma pessoa.

Apêndice: o problema da transferência na direção espiritual

Condições neuróticas podem criar problemas na relação entre o diretor espiritual e a pessoa dirigida.

A transferência envolve três pessoas: o dirigido, alguém significativo do passado, e o diretor. Em termos psicanalíticos, trata-se de atitudes e comportamentos do paciente que tenta inconscientemente restabelecer e reviver no psicanalista uma situação infantil rica de

carga emotiva, ou porque um dia lhe provocou grande prazer, ou porque foi ocasião de frustração. Não se trata de projeção, mas de uma ligação emotiva: revivem-se situações infantis na nova pessoa, com um sentido acentuado de atualidade.

Na direção espiritual, na situação de transferência, o diretor torna-se a reencarnação de pessoas que de algum modo tiveram incidência sobre a pessoa dirigida, e esta, em relação ao diretor, tende a ter inconscientemente os mesmos sentimentos que tinha com tais pessoas. O diretor deve estar atento às tentativas inconscientes do dirigido de fazê-lo assumir papéis que sirvam à satisfação de suas exigências psíquicas. A transferência pode ajudar na direção espiritual quando é ocasião de compreensão do passado da pessoa.

No caso de transferência da parte do diretor em relação ao dirigido, aflora nele um estado de imaturidade psicológica. Se não agir com prudência e decisão, não estará em condições de compreender tal situação e de superá-la.

Bibliografia

- Ch. A. BERNARD, *L'aiuto spirituale personale*, Roma, 1978.
 J. STRUS, Direzione spirituale, in E. ANCILLI (org.), *Dizionario Enciclopedico di Spiritualità*/1, Roma, 1990, 793-806.
 L. SHERER, Si personne ne me guide... L'accompagnement spirituel, *Supplément à Vie Chrétienne* n° 328(3285).
 U. V. MORO, *Algumas reflexões sobre a orientação espiritual e seu processo* (Manuscrito).
 W. A. BARRY, W. J. CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, São Paulo, Loyola, 1987.

O que é direção espiritual?

Embora devêssemos esperar quem sabe ainda dois ou três capítulos antes de definir o que é direção espiritual, vamos tentar defini-la logo para ir ao encontro dos leitores que querem satisfazer de imediato a própria curiosidade e saber desde já o que é direção espiritual. Diante do desconhecido, somos todos como quem nasce no sétimo mês: temos pressa de saber.

Etimologicamente, a palavra direção vem de *dirigere*, verbo latino que significa dar uma direção, orientar, guiar, movimentar para uma determinada meta. Dirigir e governar indica autoridade ética, moral e profissional daquele que exerce um cargo específico. O presidente da República, os governadores, os prefeitos devem dirigir e governar o povo para que tenha estabilidade e uma vida melhor. Quem não sabe governar provoca o regresso histórico e social. Assim, o papa, os bispos e sacerdotes têm a missão de governar e dirigir o povo de Deus para o crescimento espiritual segundo as normas do Evangelho. O professor dirige os seus alunos para uma maturidade intelectual, e os pais e catequistas dirigem

os próprios filhos e alunos para o conhecimento e uma inserção harmoniosa na sociedade.

A palavra "direção", ou "diretor", soa aparentemente impositiva, criando certas resistências interiores, já que cada um de nós quer dirigir, não ser dirigido. O lema do Estado de São Paulo revela um pouco a atitude do instinto orgulhoso e prepotente do ser humano que raramente sabe o que é a virtude da humildade: "*Non duco, duco*", que em português significa: "Não sou conduzido, conduzo", à diferença de Jesus, que diz: "Não vim para ser servido mas sim para servir". Hoje, para superar esta resistência há quem prefira utilizar expressões semelhantes a fazer uso de "diretor espiritual", tais como:

- *Companheiro de viagem.* Alguém que caminha ao nosso lado e num diálogo par a par aponta o caminho que devemos seguir para superar os medos, as inseguranças, as dúvidas da nossa vida. O texto bíblico a que se faz referência para fundamentar essa nova linguagem é dos discípulos de Emaús (Lucas 24,13-35), onde Jesus se une aos dois discípulos e, dialogando sobre as coisas da vida, se deixa lentamente reconhecer até repartir o pão.
- *Conselheiro espiritual.* Com essa expressão se quer evidenciar que em determinadas situações precisamos recorrer à sabedoria e à experiência de pessoas em que confiamos para poder readquirir a serenidade interior.
- *Guru.* Outros buscam essa palavra de sabor oriental, cujo significado indica alguém dotado de poderes e intuições especiais que pode ajudar a direcionar a um futuro que seja melhor do que o presente.

- *Assessor.* No comércio ou em várias áreas da sociedade, em momentos particulares ou para uma reciclagem profissional, ou mesmo na busca de novo dinamismo, contrata-se uma assessoria especializada que saiba unir a técnica, a psicologia, a auto-estima e uma pitada de religiosidade.
- *Alma gêmea.* Termo que faz referência quem sabe ao espiritismo e ao esoterismo, indica uma pessoa que nos entende em profundidade e, pelas leis da atração, sabe nos ajudar ao mesmo tempo em que nós a ajudamos, numa reciprocidade de entendimento.
- *Mestres interiores.* São pessoas que às vezes se consideram nossos guias porque vivem uma nova vida e já pertenceram aos nossos ancestrais.

São temas explorados hoje nos livros de auto-ajuda ou de caráter mediúnico. A esses nomes podemos acrescentar muitos outros, mas a Igreja, embora não recuse, a nomes como companheiro de viagem, amigo e conselheiro espiritual prefere mesmo a expressão "diretor espiritual".

É significativo colocar em evidência que todas as religiões têm os seus mestres, os seus guias, os seus sacerdotes que iniciam ao conhecimento religioso as pessoas que procuram fazer um caminho espiritual. Encontramos sem dúvida grandes mestres, como Confúcio, os místicos hindus, os sufis mulçumanos ou outros em outras religiões, mas falamos aqui de direção espiritual no âmago da religião católica.

Direção espiritual católica

O adjetivo “espiritual” não indica a pedagogia da direção e sim o objeto da mesma, que faz referência não aos problemas humanos materiais ou psicológicos, mas sim aos espirituais. A direção espiritual está portanto presente em todas as religiões, mas aqui falaremos da direção espiritual católica, isto é, de uma direção que inclui em sua orientação não só os valores fundamentais e universais do espírito (paz, solidariedade, amizade, amor, família), mas ilumina esses valores à luz do Evangelho. Como as outras religiões iluminarão esses mesmos valores à luz da própria fé religiosa, surge aqui uma pergunta da qual não se pode fugir e à qual é necessário dar uma resposta clara e objetiva: Pode um católico orientar espiritualmente um muçumano, um hindu, um protestante e, vice-versa, ser um católico orientado espiritualmente por alguém que tem uma fé diferente da sua?

A resposta, evidentemente, é não, pois na direção espiritual chega-se a certos momentos em que é preciso, como veremos a seu tempo, orientar a pessoa para a eucaristia, para a confissão, para a devoção à Virgem Maria, aos Santos etc.

Nos primeiros passos do caminho espiritual tudo é possível, mas depois é preciso definir o que queremos alcançar na nossa vida. É disso que se trata a direção espiritual católica, isto é, a ação do diretor espiritual é dirigir e levar as pessoas à vivência do Evangelho, lido, interpretado e anunciado pela Igreja Católica. O fim de toda a direção espiritual é a santidade.

A direção espiritual foi definida como “ciência e arte de conduzir as pessoas à perfeição segundo a própria vocação iluminada

pelo Evangelho e pela Palavra da Igreja”. Há muitas definições narrativas do que seja a direção espiritual católica. Podemos apresentar uma definição sobre a qual a maioria dos autores concorda com algumas nuances e diferenças mínimas: A direção espiritual católica é a ajuda que um católico oferece a outro católico para chegar à coerência de vida segundo os princípios do Evangelho e os ensinamentos da Igreja Católica.

A arte e a ciência da direção espiritual significam que o diretor espiritual deve ser ao mesmo tempo profundo conhecedor dos caminhos que levam a Deus, fundamentados sobre a Palavra do Senhor, mas também sobre as ciências humanas tão necessárias no conhecimento do ser humano. Nesse sentido, não podemos duvidar que as ciências humanas oferecem um apoio indispensável para criar a harmonia interior no ser humano. Já os primeiros teólogos, com a sabedoria que lhes é própria, diziam: “A graça supõe a natureza”. E os antigos romanos afirmavam: “Uma mente sadia num corpo sadio”.

Iremos voltar ao assunto, mas para concluir este capítulo podemos nos colocar outra pergunta que anda em muitas mentes e corações: A psicologia, a psicanálise e outras ciências humanas podem substituir a direção espiritual? É claro que não, porque nenhuma ciência humana, sem o suporte da graça e da iluminação do Espírito Santo, poderá desenvolver plenamente a potencialidade espiritual do ser humano.

Todos os autores de espiritualidade e mesmo os psicólogos de orientação cristã são unânimes em dizer que essas duas ciências, a psicologia e a direção espiritual, não devem ser confundidas, pois embora agindo reciprocamente possuem diferentes metodologias.

O trabalho do psicólogo independe da sua fé, é um profissional que não necessariamente comunga da fé de seus "clientes". Ninguém solicita a um ortopedista ou a um cardiologista que professem sua fé, mas sim que sejam competentes e altamente qualificados na sua profissão.

O diretor espiritual, além de ser um profissional, deve ser também "um mistagogo", isto é, alguém que possua experiência espiritual e, com a palavra e o testemunho da vida, transmita esses valores aos seus orientados. Não se coloca a profundidade dos mistérios humanos nas mãos de qualquer pessoa que não tenha um profundo respeito pelo trabalho que Deus faz no coração de alguém. Voltaremos em outro momento a este assunto delicado, quem sabe também conflitante, mas necessário para ser abordado no campo da direção espiritual.

A direção espiritual no Antigo Testamento

Desde sempre o ser humano necessitou procurar pessoas mais capacitadas e com mais experiência para resolver os seus problemas. Percorrendo o caminho da orientação espiritual, vemos com clareza que são três os protagonistas desta aventura humana e espiritual: Deus, o ser humano e o diretor espiritual.

Deus

A palavra de Deus desde o Gênesis apresenta sua ação como aquele que toma a iniciativa de entrar em comunhão com o ser humano para dialogar e indicar-lhe o caminho que deve seguir para chegar à sua identidade. A espiritualidade do Antigo Testamento é toda centrada no mistério de Deus, na sua transcendência e na sua Revelação. Nós conhecemos a Deus não pelas nossas forças humanas, mas porque ele vai se revelando ao seu povo. Um Deus Amor não fechado em si mesmo, mas aberto ao ser humano.

Deus se revela como aquele que é três vezes Santo (Isaías 6,3; Oséias 19,9). Deus se revela também como aquele que caminha

no meio do seu povo. Ele é o Emanuel, o Deus conosco, não Deus distante e ausente da história humana mas sim um Deus participativo, que caminha, luta e sofre com seu povo; nômade e peregrino fixa sua morada entre nós (Is 7,14). É um Deus ciumento do seu povo e por isso cuida dele com extrema delicadeza (Ex 4,22-23; Dt 32,6-7). É um Deus que faz aliança conosco, uma aliança que será sempre renovada até ser consagrada pelo sangue de Jesus Cristo. Deus não pode esquecer aquele ser humano que Ele criou à sua imagem e semelhança. Poderíamos dizer que Deus corre atrás do homem para que ele se converta e viva. A ele dirige a sua palavra constantemente: "Anda na minha presença e sê perfeito" (Gn 17,1).

O homem

A palavra de Deus apresenta o ser humano por meio de diferentes simbologias: carne, alma, coração etc. Estas simbologias querem manifestar para nós que o homem bíblico é todo transbordante de amor e de presença do espírito de Deus. Ao longo do caminho, o ser humano, atraído por vários ídolos, se afasta de Deus pelo pecado. O pecado sempre deixa o coração humano mais vazio e insatisfeito. Daí a necessidade de voltar continuamente para o Senhor. Os profetas convidam à conversão, que não é uma mudança passageira mas constante e permanente. Um processo para assimilar a mentalidade de Deus com respeito à vida humana. O profeta Ezequiel é sem dúvida aquele que mais evidencia esta realidade (Ez 36,22-28). Podemos apresentar três características da espiritualidade do Antigo Testamento:

1. *A espiritualidade do deserto.* Deus, tocado pelo sofrimento do povo, decide libertá-lo da escravidão do Egito, símbolo de todas as nossas pequenas e grandes escuridões. Ninguém possui plenamente a liberdade. João da Cruz diz "que um passarinho, quer esteja amarrado com uma linha ou com uma corda, não poderá voar". As escravidões do mundo de hoje têm manifestações diferentes das escravidões de ontem, mas o resultado é o mesmo: impedem a nossa verdadeira liberdade interior. O diretor espiritual deve ajudar as pessoas que o procuram a descobrir as suas escravidões para poder se libertar. É uma tomada de consciência que nunca pode faltar. O deserto não é o lugar para sempre, mas sim de passagem, de purificação, de sofrimento e de liberdade.
2. *A aliança.* É no deserto que Deus realiza a sua Aliança com o povo que, reconhecendo o seu pecado, quer voltar para Deus. Uma aliança entre Deus e o ser humano nunca poderá ser rompida, porque Deus, sendo fiel, não rompe a sua Aliança por causa do nosso pecado. Ele permanece fiel ao seu Amor.
3. *A espiritualidade da ação.* A palavra de Deus não pode permanecer letra morta mas deve se fazer carne, realizar-se na vida de quem aceita a Aliança de Deus. A santidade, diria Santa Teresinha, não é ter bons pensamentos, mas sim viver segundo a palavra de Deus, fazendo a Sua vontade.

O profeta — diretor espiritual

Deus, primeiro educador do ser humano, suscita seus profetas ao longo da história para que eles, iluminados pelo Espírito Santo, anunciem para o povo o que é preciso seguir para realizar os projetos de Deus e viver os seus mandamentos. Devemos ver os profetas não só como líderes religiosos, mas sim como alguém que, tendo feito uma experiência de Deus, vai comunicando-a ao povo de Israel. Podemos considerar os profetas autênticos diretores espirituais enviados por Deus que, dóceis à inspiração do Espírito, transmitem só aquilo que Deus quer que seja transmitido.

Estas poucas pinceladas nos permitem compreender como Deus não cria o ser humano e o abandona a si mesmo, mas o acompanha no seu processo evolutivo espiritual até que possa acolher a plenitude dos tempos, quando será enviado Jesus Cristo, o verdadeiro mestre, que revela tudo o que ouve do Pai para que nós tenhamos vida e a tenhamos em abundância.

A direção espiritual no Novo Testamento

Se maravilha contemplar a ação de Deus no primeiro Testamento, que caminha com o seu povo e o acompanha em todas as dificuldades, orientando-o pelos profetas para que não tome caminhos errados e se perca, muito mais maravilhoso é acompanhar a pessoa de Jesus que veio para salvar, para ser nosso único Mestre e Senhor. Jesus, com sua palavra e seu exemplo, está sempre ao nosso lado. Deus quis que o seu único Filho Jesus Cristo se fizesse carne e habitasse entre nós para ser o caminho seguro para cada pessoa que busca a verdade. “Aquele que me segue não caminha nas trevas. Vinde após mim e vos farei pescadores de homens [...] não tenhas medo [...] sou eu, eu venci o mundo!”.

Por experiência sabemos que longe de Jesus e afastando-se do seu caminho o ser humano se encontra como que numa emaranhado, numa selva sem luz e sem vida. Hoje em dia muitos são os “charlatães” que querem se apresentar em nome de Jesus para nos indicar caminhos fáceis de uma felicidade passageira que se

desfaz como a neve ao contato com o sol. Haverá quem diga: "sou eu, estou aqui"; mas diz Jesus: "não lhes acrediteis!"

A salvação prometida por Jesus não é magia nem algo que acontece por milagre; é necessário passar por um processo de crescimento, de luta, de superação de si mesmo. É preciso saber escolher entre ele e outros senhores que se oferecem em cada esquina para nós. O evangelho é um projeto de vida que compromete, é exigente, solicita uma constante conversão de todo o nosso ser. É um encontro não com uma filosofia de vida mas sim com uma pessoa viva e real chamada Jesus.

O melhor manual teórico prático de direção espiritual é o evangelho. Nele somos diretamente confrontados pela mesma palavra de Jesus e chamados a seguir, a renunciar a esta palavra. Basta citar como exemplo o texto do jovem que busca Jesus.

Nisso, alguém se aproximou e lhe perguntou: "Mestre, que devo fazer de bom para ter a vida eterna?". Ele lhe respondeu: "Por que me perguntas pelo bom? Um só é o bom. Se quiseres entrar na vida, observa os mandamentos". Ele perguntou: "Quais?". Jesus respondeu: "Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás testemunho falso, honra pai e mãe e ama teu próximo como a ti mesmo". O jovem lhe disse: "Tudo isso eu tenho observado. O que ainda me falta?". Jesus respondeu: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me". Ao ouvir isso, o jovem foi embora triste, porque possuía muitos bens (Mt 19,18-22).

Jesus não obriga o jovem a segui-lo, faz-lhe uma proposta nova que é válida para todo cristão. Toda pessoa que um dia se

decide a seguir Jesus radicalmente será chamada, segundo a sua condição de vida, a "vender tudo o que possui e dar aos pobres". Não se trata aqui só de bens materiais, de dinheiro. Nunca devemos materializar o evangelho: trata-se de dar tudo de si mesmo, oferecer todos os dons. A vida eterna não é cheque em banco e nem cartão de crédito, é vida e vida plena. Quem ama não pode se doar pela metade, mas se doa totalmente para que Deus se doe totalmente a ele.

Junto com o evangelho como rico material de direção espiritual que vai orientando a vida de quem assume Jesus está todo o Novo Testamento. Paulo apóstolo é um ótimo diretor espiritual das comunidades que ele funda, das pessoas que o procuram, como também os outros autores. Todos têm uma única preocupação: levar as pessoas a seguir, a amar e a viver a mensagem de Jesus Cristo. O objetivo da direção espiritual católica não pode ser outro: levar as pessoas a viver o evangelho na sua realidade concreta, sem fuga e sem mito.

Um dia alguns seguidores perguntaram para João Batista: e nós, que devemos fazer? A resposta do grande profeta que fecha o Primeiro Testamento e abre o Segundo é clara:

Ele lhes respondia: "Quem tiver duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma; o mesmo faça quem tiver alimentos". Vieram batizar-se também cobradores de impostos e lhe diziam: "Mestre, o que devemos fazer?". Ele respondeu: "Não cobreis mais do que a taxa fixada". Perguntavam-lhe também os soldados: "E nós, o que devemos fazer?". E ele respondeu: "Não pratiqueis torturas nem chantagens contra ninguém e contentai-vos com vosso soldo" (Lc 3,11-14).

A Trindade Santa como pedagoga da direção espiritual

O primeiro diretor espiritual, não é difícil compreendê-lo, é Deus como mistério Trinitário do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Jesus, em João 15, nos recorda, por meio da imagem da videira, todo o caminho que deve ser percorrido para chegarmos a ser, na Igreja, ramos que produzam muitos frutos e frutos abundantes.

Eu sou a videira verdadeira e meu Pai é o agricultor. Ele corta todo ramo que em mim não dá fruto, e poda todo aquele que dá fruto, para que produza mais. Vós já estais limpos por causa da palavra que vos tenho anunciado. Permaneci em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo se não permanecer na videira. Assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu nele, dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora como o ramo e secará; será ajuntado, jogado no fogo e queimado. Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será dado. Meu Pai será glorificado se derdes muito fruto e vos tornardes meus discípulos (Jo 15,1-8).

Jesus, portanto, vem nos recordar que somente seremos fecundos se deixarmos a Deus a liberdade “de podar a nossa videira”, se ficarmos unidos ao Cristo, se formos ramos unidos ao tronco da videira. Deus não gosta que sejamos, na sociedade e na comuni-

dade eclesial, “árvores decorativas”, mas sim “árvores frutíferas”. Peguemos o caso de uma pessoa que nos convida para almoçar e chegando a sua casa encontramos toda a casa e a mesa decoradas com flores belíssimas: orquídeas, rosas... Todos ficamos maravilhados por tanta beleza e tanta delicadeza dos anfitriões. Inicia-se uma conversa agitada sobre essa beleza, mas, tacitamente, cada um espera que chegue a comida e a comida não chega. De pouco serviram as flores para quem tem fome. Beleza não mata a fome de ninguém. Mas se por acaso formos convidados para uma ceia e sobre a mesa estiverem cestas cheias de uvas e a comida não chegar, os convidados começam a comer e ficam saciados e felizes.

No caminho espiritual devemos ter muito cuidado para não sermos envolvidos numa mística de aparência e sentimentos esvaziada de conteúdo. Não há dúvida que toda a Escritura exige que o ser humano encarne e vivencie concretamente os princípios religiosos. O amor deve se fazer vida, gesto. O amor-palavra pode comover os ouvidos, mas se não comove o coração não convence a ninguém.

Ao longo do seu Evangelho Jesus nos repete em dezenas de situações que “não são aqueles que dizem Senhor, Senhor que entrarão no Reino dos Céus mas sim aquele que escuta e pratica a palavra de Deus”. Jesus não condena o culto exterior quando revela valores interiores. Ele condena uma exterioridade vazia e sem sentido. “Não há maior amor do que dar a vida por aquele que se ama”. A Trindade Santa não vive somente no coração dos justos, mas sim no coração de cada pessoa humana. É preciso chegar a saber adorar o Deus vivo e verdadeiro, presente no sacrário

do coração humano. A pedagogia da Trindade como diretora e formadora espiritual do novo homem que vai lentamente sendo gerado pela força do Espírito Santo em nós é um processo decidido embora marcado pela paciência e misericórdia de Deus Amor.

Quem é meu próximo?

Se alguém nos fizesse esta pergunta, provavelmente indicaríamos dúzias de livros de antropologia cristã ou tratados de teologia para provar que o amor a Deus e ao próximo são inseparáveis. Os teólogos se preocupam em falar para a inteligência. Deus Trindade e todos aqueles que chegam à comunhão com Ele se preocupam em simplificar e falar ao coração. A leitura da Palavra de Deus nos deixa espantados pela simplicidade com que Cristo anuncia as verdades mais sublimes. A melhor pedagogia para fazer compreender a uma pessoa que busca de verdade a Deus e deseja viver uma vida de harmonia interior é levá-la ao conhecimento meditativo amoroso da parábola do bom samaritano:

Jesus respondeu: "Um homem descia de Jerusalém a Jericó. Pelo caminho, caiu nas mãos de assaltantes. Estes, depois de lhe tirarem tudo e de o espancarem, foram embora, deixando-o quase morto. Por acaso, desceu pelo mesmo caminho um sacerdote. Vendo-o, desviou-se dele. Do mesmo modo um levita, passando por aquele lugar, também o viu e passou adiante. Mas um samaritano, que estava de viagem, chegou até ele. Quando o viu, ficou com pena dele. Aproximou-se, tratou das feridas, derramando nelas azeite e vinho. Depois colocou-o em cima da própria mon-

taria, conduziu-o à pensão e cuidou dele. Pela manhã, tirando duas moedas de prata, deu ao dono da pensão e disse-lhe: 'Cuida dele e o que gastares a mais, na volta te pagarei'. Na tua opinião, quem destes três se tornou o próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes?'. Ele respondeu: "Aquele que teve pena dele". Então Jesus lhe disse: "Vai e faz tu o mesmo!" (Lc 10,30-37)

Evangelho: caminho de direção espiritual

O livro principal que todo diretor espiritual deve usar e conhecer em profundidade, movimentando-se com liberdade nas suas páginas, é o Evangelho. Claro que também toda a Escritura, o Primeiro como o Segundo Testamento, contém sabedoria e ensinamentos valiosos para o resgate da autêntica e verdadeira dignidade humana.

Precisamos voltar ao Evangelho e recolocar este Livro-Vida nas mãos de todas as pessoas que nos procuram para serem orientadas na busca da verdade. Jesus não exige exercícios físicos para chegar a imitá-lo, tampouco uma inteligência brilhante e superior à média, nem um poder aquisitivo para ser vedete no mundo econômico, mas tão-só que sejamos pessoas determinadas a viver a Sua única Palavra, igual para todos.

Sempre fiquei maravilhado, e hoje mais ainda, em ver que Deus deixou uma única Bíblia para toda a humanidade. Não existe a Bíblia do papa, dos bispos, dos padres, das mulheres, das crianças, dos intelectuais, dos ricos ou dos pobres. A fonte da santidade é uma só: a Bíblia Sagrada.

São João da Cruz possui um texto muito interessante sobre isso: "O eterno Pai diz uma única palavra, isto é, o seu Filho, e esta palavra a diz sempre num eterno silêncio e em silêncio deve ser ouvida pela alma" (*Ditos* 98).

E "Cristo é a fonte inesgotável da água viva":
Aquela viva fonte que desejo,
Neste pão de vida já a vejo,
Mesmo de noite (*Poesia* 8).

Docilidade à Trindade

A atitude de discipulado ao mistério Trinitário se faz necessária para cada um de nós. Precisamos assumir uma postura de discipulado, isto é, de esvaziamento total de nós mesmos para poder acolher a Palavra do Outro. A espiritualidade não é tanto falar quanto escutar. Gostaria de colocar aqui seis verbos dinâmicos de todo o processo de escuta que deve desembocar na vivência contemplativa da Palavra de Deus:

Escutar. Acalentamos a idéia que se escuta somente com os ouvidos, no entanto escutamos com todo o nosso ser, desde a postura do corpo até os olhos, passando pela atenção que prestamos e ao esforço para não nos distrairmos... trata-se de uma escuta amorosa, semelhante àquela que encontramos em Maria, que em Betânia sentava-se aos pés de Jesus e escutava a sua Palavra (Lc 10,38-42).

Compreender. A palavra que penetra em nós exige e demanda o esforço da inteligência para compreendê-la. Toda palavra é veículo de comunicação, cujo significado profundo precisa ser

compreendido para que possamos saber o que ela exige de nós. Quantas vezes temos tido a experiência de escutar uma palestra ou de ler um livro e esbarrar com uma palavra cujo significado nos é desconhecido! Por conta desse desconhecimento nos perdemos e não conseguimos acompanhar o discurso do outro. Jesus tinha a preocupação de falar ao povo simples, na sua linguagem não usa nenhuma palavra difícil. O vocabulário de Jesus, dizem-nos os estudiosos, não ultrapassa trezentas palavras diferentes. Evangelizar não é mostrar cultura.

Amar. Somente quando compreendemos pela inteligência, a palavra desce novamente da cabeça ao coração e inicia o processo do amor, da paixão. Aumentando o amor, aumenta em nós o desejo de encontrar caminhos para realizar o que nós amamos. Ninguém ama aquilo que não conhece, por isso que o amor nasce do conhecimento.

Viver. A palavra de Deus escutada e amada não pode permanecer estéril na vida. Ela deve se fazer carne, ser vivenciada e visibilizada no nosso dia-a-dia. O que mais afasta as pessoas do seguimento de Jesus é sem dúvida a falta de coerência de muitos cristãos. Embora seja incoerente, o ser humano não admite a sua incoerência. Também um dia seguidores de Jesus fizeram-lhe esta pergunta: "O que devemos fazer? Os nossos mestres [...] dizem e não fazem". A resposta de Jesus foi taxativa: "Fazei o que eles dizem e não fazei o que eles fazem!". Devemos seguir a verdade e não o exemplo de onde a verdade nos é comunicada. Uma prostituta ou um prostituto podem nos convidar a viver a radicalidade da castidade ou um bêbado pode convidar a ser abstinência, e um

avarento a ser generosos. Na vida espiritual não vale a frase: “ele não faz, por que eu devo fazer?”. O que importa não é a vida dos outros, é a minha. Sou chamado a assumir a minha responsabilidade individual na construção do mundo, da família, da sociedade e da Igreja. Nem sempre os profetas são coerentes. Mas Deus os escolhe para serem profetas.

Na minha vida, o que me parece válido na orientação espiritual e na vida de cada dia é que: “aprendemos muito mais olhando os pecados dos outros que as suas virtudes”. O choque terapêutico diante do mal é muito maior que o choque diante do bem. As circunstâncias desastrosas da nossa vida e da dos outros fazem brilhar diante de nós a beleza da vida e do amor. Os constantes dramas familiares que somos obrigados a constatar dia a dia fazem-nos apreciar ainda mais a beleza da família.

Anunciar. Sempre que nos decidimos a viver uma verdade tornamo-nos anunciadores dessa mesma verdade. Não se pode esconder uma lâmpada acesa nem uma cidade sobre um monte. A verdade *de per si* se revela. A vida de quem vive muda e mudam seus hábitos e atitudes, outras são as pessoas e ambientes que vai frequentando. João da Cruz numa estrofe do Cântico Espiritual e no seu comentário nos fala dessa mudança.

Se agora, em meio à praça,
já não for mais eu vista, nem achada,
Direis que me hei perdido,
E, andando enamorada,
Perdiça-me fiz e fui ganhada (*Cântico 29*).

Quem se converte vai mudando e sente dentro de si a necessidade de falar de Deus. Não se pode ser evangelizador “assalariado”, mas por necessidade. Evangelho não é mercadoria que deve ser vendida e colocada na prateleira para que cada um possa escolher. É adesão de vida, é urgência de coração. “Ai de mim se não evangelizar!”. Ninguém pode compreender a paixão do anúncio se não for convertido por Cristo Jesus e invadido pela força do Espírito Santo. Uma evangelização, um anúncio por “pagamento”, mais cedo ou mais tarde cansa e deixa o amargor de um trabalho sem frutos.

Nesta canção a alma responde a uma repreensão tácita da parte dos mundanos, os quais têm costume de reparar naqueles que se dão verdadeiramente a Deus, tachando-os de exagerados, por causa da abstração e recolhimento em seu modo de proceder, achando também que eles são inúteis para as grandes obras, e perdidos para aquilo que o mundo aprecia e estima. A tal censura esta alma mui cabalmente satisfaz, aqui, afrontando com muita ousadia e coragem não só isto que lhe imputam, mas ainda a tudo mais quando possa o mundo censurar-lhe; porque, tendo chegado ao vivo do amor de Deus, todo o resto lhe importa pouco. [...] E assim, dirigindo-se aos mundanos, faz questão de lhes dizer: se não a vêem mais como outrora no meio deles, ocupada em afazeres e passatempos do mundo, podem afirmar e crer que ela, de fato, está perdida para eles e afastada de sua convivência. E considera isto tão grande bem que quis perder-se por sua própria vontade, para ir à procura de seu Amado de quem anda muito enamorada. Com o fim de demonstrar-lhes a

vantagem que a ela trouxe tal perda, e não julguem ser loucura e engano, diz que essa mesma perda foi o seu lucro, e, por isso, propositadamente deixou-se perder (*Cântico 29,5*).

Contemplar. O Caminho volta à sua fonte inicial que é Deus. Depois do anúncio sentimo-nos chamados a fazer silêncio dentro e fora de nós para poder contemplar todo o processo de um encontro com Deus. A contemplação não deixará de agir, mas sim permanece com o coração e os olhos fixos em Cristo, de onde vem toda a nossa força e razão de viver. Só os contemplativos são capazes de ultrapassar as neblinas da incompreensão e ser luz para os que deles se aproximam. Os contemplativos são seres transfigurados pelo encontro com Deus e tornam-se sinais vivos da presença do Senhor entre nós. Todos somos chamados a essa contemplação. Contemplar o Cristo presente entre nós, especialmente nos ostensórios da carne sofrida dos mais pobres, necessitados, marginalizados. O amor será sempre a força de todo agir cristão. Amor quando é verdadeiro não se preocupa de ser explicado, só é vivido, mesmo que quem vive ao nosso redor não compreenda a nossa maneira de agir. Cristianismo não se explica, se vive, com alegria e perseverança. “A alma contemplativa é suave, mansa, humilde e paciente” (*Ditos 28*).

Santa Teresa nos diz:

Desejo, irmãs minhas, que procuremos alcançar exatamente esse alvo. Apreciemos a oração e ocupemo-nos dela, não para nos deleitar, mas para ter essas forças para servir. Não queiramos ir por

caminhos não trilhados, pois nos perderemos na melhor altura. E seria caminho bem novo pensar em receber essas graças de Deus indo por vereda diferente da que Ele seguiu e têm seguido todos os seus santos. Não vos passe tal idéia pela cabeça. Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-Lo sempre consigo, não O recebendo mal e negligenciando a sua comida. Como Maria Lhe daria a refeição, assentada sempre aos Seus pés, se sua irmã não a ajudasse? Seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e louvem a Deus para sempre. Talvez me digais duas coisas. Uma é que o Senhor afirmou que *Maria escolhera a melhor parte*. É que já tinha feito o ofício de Marta quando serviu o Senhor, lavando-Lhe os pés e enxugando-os com os seus cabelos. E pensais que terá sido pequena mortificação para ela, uma senhora que era, ir pelas ruas, talvez só (já que o seu fervor a impedia de refletir), entrar onde nunca tinha entrado e sofrer depois as acusações do fariseu, bem como muitíssimas outras coisas?

O fato de uma mulher como ela mudar de repente deve ter dado muito que falar ao povo — ainda mais sendo gente tão má, como sabemos. Bastava a amizade com o Senhor — tão desprezado por essas pessoas — para que estas relembrassem a sua vida passada e dissessem querer ela passar por santa. Pois está claro que ela logo deve ter mudado de vestes e tudo o mais. Se ainda hoje se fala o mesmo de pessoas menos conhecidas, que dizer daquela época?

Eu vos digo, irmãs, que essa “melhor parte” veio já depois de muitos sofrimentos e mortificações, pois só o fato de ver seu

Mestre tão odiado terá sido para ela um tormento intolerável. E que dizer dos muitos padecimentos que teve quando da morte do Senhor, bem como nos anos que ainda viveu, que devem ter sido bem aflitivos em função da ausência Dele! Vemos então que ela não estava sempre com deleite de contemplação aos pés do Senhor.

A outra é que não podeis nem tendes como levar almas a Deus. De boa vontade o faríeis. Mas, não tendo de ensinar nem de pregar como faziam os apóstolos, não sabeis como agir. A essa objeção já respondi por escrito algumas vezes, talvez até neste *Castelo*. Mas, como creio ser coisa que vos passa pelo pensamento, tendo em vista os desejos que o Senhor vos concede, não deixarei de repeti-lo aqui.

Já vos disse em outra passagem que às vezes o demônio nos dá grandes desejos, para deixar de lado ocasiões de servir a Nosso Senhor em coisas viáveis e nos contentar privilegiando aquelas que são impossíveis. Não considerando que na oração ajudareis muito, não queirais beneficiar todas as pessoas; concentrar-vos nas que estão em vossa companhia e, assim, será maior a obra, pois a vossa obrigação para com elas é muito maior.

Julgais pequeno ganho abrasá-las a todas com o fogo da vossa grande humildade, da mortificação, do serviço a todas, de uma intensa caridade para com elas e do amor a Deus? Ou se, com as demais virtudes, as encherdes de estímulo? Não, será grande esse serviço e muito agradável a Deus. Vendo que realizais as obras que estão ao vosso alcance, Sua Majestade entenderá que faríeis muito mais e vos recompensará como se tivésseis levado muitas almas a Ele.

Direis que isso não é converter, já que aqui todas as almas são boas. E que tendes vós com isso? Quanto melhores forem, tanto mais agradáveis ao Senhor serão os seus louvores e tanto mais sua oração beneficiará as almas que lhes estão próximas.

Em suma, irmãs minhas, conluo dizendo que não edificuem torres sem alicerces sólidos, porque o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizadas. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor. Não nos cansemos logo. No pouco que dura esta vida — e talvez seja ainda menos do que pensamos —, ofereçamos interior e exteriormente ao Senhor o sacrifício que pudermos. Sua Majestade o unirá ao sacrifício que ofereceu ao Pai na cruz por todos nós. Assim, conferirá a ele o valor merecido pelo nosso amor, embora sejam pequenas as obras.

7 *Moradas* 4,12-15

Quando e como fazer a direção espiritual?

Todo trabalho sério e todo o aprendizado que acontece rarissimamente, de vez em quando, não produz nenhum fruto. Assim, a pessoa que se dispõe a estudar inglês ou árabe uma vez por ano, jamais aprenderá uma língua e conhecerá os segredos de um povo. Recordo que minha mãe Domênica, que era analfabeta mas possuía uma sabedoria feita de simplicidade e de vida, enquanto conversava comigo colocava a mão na saleira e sem olhar colocava o sal na comida. Eu perguntava: “Mãe, como é que a senhora sabe se colocou a quantidade certa de sal?” E ela, olhando-me com olhar de entendida e meneando a cabeça, dizia: “Menino bobo, tua mãe, depois de colocar tantas vezes o sal na comida, já a mão sente, percebe, quando o sal é suficiente”.

Assim, uma orientação espiritual que queira produzir frutos e frutos abundantes não pode acontecer algumas vezes esporádicas, rápidas e sem reflexão. É preciso que os encontros aconteçam com certa frequência e depois passem a tornar-se menos frequentes, mas será sempre necessário encontrar-se com o diretor espiritual

para poder esclarecer, aprofundar e conhecer melhor o que Deus espera de nós.

Para uma pessoa que se decide a fazer um caminho de maior interioridade, procurando a harmonia espiritual de todo seu ser mental, físico e interior, no início o encontro com o orientador espiritual deve ser uma vez por semana, ou no máximo de 15 em 15 dias, para que os dois possam entrar numa sintonia de pensamento, de sentimentos e de ideal. O diretor espiritual, acolhendo com cordialidade e afetividade sadia, permite ao dirigido que ele manifeste o que se passa no seu coração. Revelar a própria consciência nem sempre é fácil. É preciso saber esperar o momento oportuno, quando a pessoa vai percebendo que chegou a hora de se abrir totalmente.

Recordo um caso que aconteceu na minha vida: uma pessoa me procurou e antes de se sentar me disse: "Frei, queria falar com o senhor, mas por favor não me interrompa". A pessoa começou a falar com uma rapidez que lembrava uma "cachoeira". Depois, mais pausadamente, mais calma, foi relatando, ao longo de duas horas, toda a sua vida: os seus traumas, os seus desacertos, os seus acertos e principalmente os seus medos. Medo de si mesmo, medo do outro, medo de Deus e medo até do ar que respirava. Quando terminou, levantou-se e me cumprimentou, dizendo: "Muito obrigado porque me escutou". E foi-se embora. Esta pessoa voltou a conversar comigo depois de um ano e hoje é uma pessoa amiga de verdade, com quem se estabeleceu um grande relacionamento espiritual. Se a tivesse interrompido, provavelmente ela nunca teria superado muitas dificuldades da sua vida.

A orientação espiritual, verdadeira e autêntica terapia interior, oferece ao dirigido a oportunidade de focar a vida à Luz da Palavra de Deus e do modelo completo da existência humana que é Jesus Cristo.

Uma vez estabelecida a freqüência da orientação espiritual, é preciso encontrar para o diálogo um ambiente acolhedor, silencioso, que permita aos dois não se distraírem mas escutar um ao outro, acolherem-se reciprocamente e ouvir na mesma sintonia a voz de Deus que convoca a mudanças de vida. A sociedade de hoje não está muito acostumada ao silêncio. Cada um deve "berrar" mais alto que o outro, e mesmo assim não se consegue entender. Pasma ao ver que os jovens de hoje — e muitos adultos que querem se manter jovens — estudam, lêem, vêem televisão, escutam músicas, fazem palavras cruzadas e rezam o terço ao mesmo tempo. É muita comida para um pobre coitado! O silêncio e a solidão são indispensáveis para contemplar a si mesmo e, sem medos, olhar as próprias feridas sangrando. Somente vendo as gotas de sangue cair pode-se perceber o tamanho da ferida e a cura necessária. Não são poucos os psicólogos e psicanalistas que lêem a Bíblia e os grandes místicos, principalmente João da Cruz, Teresa de Ávila e Inácio de Loyola, e embora dizendo-se ateus aproveitam da sabedoria do passado para, mediante a silêncio-terapia, levar o ser humano a reassumir com alegria a própria identidade.

Ser ateu tornou-se hoje uma maneira de ser diferente e de chamar a atenção. Há momentos de extrema solidão em que o ser humano, por quanto materialista possa ser, levanta seus olhos para o céu e invoca o nome e a luz de alguém que ilumine. E sem

saber se encontra com Deus. Todos aqueles que te procuram com coração sincero, afirma a Igreja, encontram o Senhor. Este ambiente favorável para a direção espiritual, para o diálogo, não é um consultório médico ou psicanalítico, mas sim um espaço sagrado, uma tenda onde Deus e o ser humano se encontram motivados pelo amor. O ser humano, desejoso de ser redimido e Deus desejoso de nos redimir de todas as nossas fragilidades.

Como se desenvolve o diálogo?

O diálogo entre dirigido e orientador espiritual deve se desenvolver num clima de fraternidade, para que a pessoa se sinta plenamente à vontade e encontre “a coragem e a vontade” de se abrir. Nenhum diretor espiritual tem respostas pré-fabricadas, receitas já prontas, mas cada pessoa exige respostas personalizadas. Cada um de nós é um mistério diante de Deus, e como tal somente quem possui um mistério poderá revelar o mistério. Não é lícito violentar o mistério, mas só contemplá-lo e adorá-lo.

Na primeira vez que a pessoa nos procura penso que é necessário oferecer todo o tempo possível que ela necessita para contar tudo o que ela quer de sua vida. O primeiro encontro não pode ser rápido nem apressado, mas sim com espaço suficiente, porque é um encontro do conhecimento mútuo. De sua parte, o diretor espiritual deve ter atenção de não mostrar pressa, de não interromper e nem tampouco de pensar nas respostas que ele vai dar. As respostas vão surgindo no caminho como a nascente da água vai aparecendo escavando mais a fundo na terra. Muitas respostas poderão vir depois de vários encontros com a pessoa que orientamos.

É importante, depois que a pessoa falou, convidá-la a refletir sobre as suas necessidades para que ela mesma, no próximo encontro, possa dizer em que necessita de ajuda e por que procura ajuda. O diretor espiritual não deve oferecer projetos de vida prontos e sim, como bom arquiteto e bom orientador, seguindo um pouco a arte de Sócrates, da maiêutica, isto é, como bom parteiro, deve ajudar o dirigido a fazer o seu projeto de vida, a indicar a meta que quer alcançar e os meios que pensa ter necessidade para poder reencontrar a paz interior. O diretor espiritual deve também oferecer ao dirigido material (textos bíblicos, pequenos exercícios de espiritualidade, de oração, livros apropriados), mas principalmente iniciá-lo a descobrir na Bíblia o caminho da sua identidade e da sua vocação. Mesmo que o diretor espiritual seja catequista, pai ou mãe, amigos e amigas, devem seguir uma certa estrutura de diálogo quanto à frequência, ao lugar e à metodologia, para que as sementes lançadas possam produzir frutos e frutos abundantes.

Estas pequenas reflexões já nos introduzem na pedagogia da direção espiritual: “buscar juntos a Vontade de Deus que nos chama à felicidade completa”. Um texto que sempre indico para meditar e ler no primeiro encontro são as bem-aventuranças e Filipenses 3,12-17.

Felizes os que têm espírito de pobre,
 porque deles é o reino dos céus.
 Felizes os que choram,
 porque serão consolados.
 Felizes os mansos,
 porque possuirão a terra.

Felizes os que têm fome e sede de justiça,
porque serão saciados.

Felizes os misericordiosos,
porque alcançarão misericórdia.

Felizes os puros de coração,
porque verão a Deus.

Felizes os que promovem a paz,
porque serão chamados filhos de Deus.

Felizes os perseguidos por causa da justiça,
porque deles é o reino dos céus.

Felizes sereis quando vos insultarem e perseguirem e, por minha causa, disserem todo tipo de calúnia contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa nos céus.

Mt 5,3-12

Não pretendo dizer que já alcancei e cheguei à perfeição. Mas eu corro por alcançá-la uma vez que também eu fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro uma coisa: esquecendo o que fica para trás, lanço-me em perseguição do que fica para a frente, corro para a meta, para a coroa da vocação nas alturas de Deus em Cristo Jesus. E todos nós que nutrimos o ideal da perfeição tenhamos estes sentimentos. E, se em alguma coisa tendes outro sentir, Deus vos há de esclarecer. Em todo caso, seja qual for o ponto já alcançado, o que importa é prosseguir no mesmo rumo.

Irmãos, sede meus imitadores e olhai para quem vive segundo o modelo que vos demos.

Fl 3,12-17

Nunca encerrar um encontro sem marcar um próximo para que o dirigido e o orientador se sintam comprometidos num caminho feito de seriedade. Embora a única pessoa que pode cobrar transformações interiores seja o indivíduo, é bom que o orientador espiritual, nos encontros sucessivos, seja exigente para com o dirigido, nas tarefas que lhe tinha proposto.

Terminando o encontro, tanto o diretor espiritual como o orientado devem sentir já o desejo de um próximo encontro para poder continuar o caminho.

Não se chega à meta somente com a prática de exercícios esporádicos, mas sim mediante a perseverança. "Somente os que fazem violência a si mesmo entrarão no Reino dos Céus", recorda-nos Jesus. "E aqueles que perseverarem até o fim serão salvos."

O diretor espiritual

O crescimento da vida espiritual é um processo lento que exige acompanhamento e paciência, tanto por parte do diretor espiritual como por parte do dirigido. As conversões e transformações não acontecem de um dia para outro, nem a toque de mágica: são lentas. É necessário antes de tudo tomar consciência de que precisamos mudar, ser diferentes, crescer, que a nossa maneira de agir nos deixa insatisfeitos e que por isso, não conseguindo sozinhos superar as dificuldades, procuramos ajuda de alguém em quem confiamos e acreditamos. As capacidades do diretor espiritual não são tanto na linha das “ciências humanas”, embora estas sejam necessárias, mas sim na linha da experiência pessoal ou adquirida no trabalho de escuta, e sempre iluminadas pela palavra de Deus e da Igreja.

Vimos que o termo “diretor espiritual” pode suscitar perplexidade na sua aceitação. Não é difícil encontrar uma outra palavra que, manifestando a mesma realidade, possa ser mais acolhida e iluminadora. O que importa é a meta que temos de alcançar: o encontro pessoal com Jesus Cristo, o amadurecimento espiritual da

vivência do evangelho, seguindo o caminho que a mesma Igreja nos oferece. Neste sentido se diferencia de todo tipo de acompanhamento humano psicológico. Sabemos por experiência que quando melhoramos “interiormente” também vamos melhorando exteriormente em todas as “áreas” do nosso ser, intelectual, afetivo, de trabalho, familiar, vivencial, para que todos possamos encontrar uma maior sintonia de paz e de comunhão com os outros, com Deus e consigo mesmo.

Não há dúvida de que ninguém escolhe alguém para se aconselhar se não confia nele e não vê nele os valores que precisa para assumir ou para reencontrar. Todavia, não devemos fazer uma idéia errada de que só se procura o diretor espiritual quando estamos ruins ou nos encontramos mergulhados em noites e dificuldades. Como não se procura o médico só quando se está doente, a direção é, sim, como medida preventiva para se ter uma saúde melhor, para corrigir alguma eventual doença que está aparecendo, ou para prevenir no futuro algum mal que poderá incomodar.

Assim, a direção espiritual tem esta função “preventiva”, ou de fazer uma revisão completa do nosso estado espiritual, procurando crescer, corrigir-se, não cair em falta que mais tarde poderá nos prejudicar e se transformar em doença crônica, como tibieza, minimismo, superficialidade, escrúpulos, relaxamento, indiferença religiosa etc.

Qualidades necessárias para um bom diretor espiritual

Não queremos fazer uma lista de “supermercado” de qualidades humanas espirituais de um bom diretor espiritual. Isto não

seria de muita ajuda. À semelhança de Paulo, que quando quis fazer uma apresentação dos frutos da carne não esgotou o assunto, acrescentando ao final “e coisas semelhantes”, também ao se falar dos frutos do espírito uma qualidade puxa a outra, uma virtude chama outra em sua ajuda — da mesma forma que um defeito nunca é solitário, tem sempre raízes presas nos outros. Não é por acaso que na doutrina da Igreja se fala dos “vícios capitais” que possuem muitas ramificações que podem sem dúvida prejudicar o reto desenvolvimento interior e humano das pessoas.

As qualidades que apresentamos são orientações que podem nos ajudar a aprofundar o que é necessário e estimular-nos para adquirirmos as que não temos. Ninguém é perfeito, somente Jesus possui todas as qualidades necessárias. E meditando alguns trechos do evangelho iremos ver como a dinâmica de Jesus é levar a pessoa a uma introspecção não do tipo narcisista, mas sim da que a faz reconhecer o que ela é, para depois sair de si e ir ao encontro dos outros para servir e amar. O amor na direção espiritual é a fonte de todo o agir e comportamento humano espiritual.

O diretor espiritual deve possuir sem dúvida uma *preparação humana de relacionamento*, saber lidar com os outros, e uma *preparação intelectual teológica* que seja sempre atualizada segundo os documentos da Igreja. Porque a direção espiritual tem como finalidade “preparar o cristão”, torná-lo mais responsável e consciente de sua própria missão no mundo do trabalho, da família, da escola, de qualquer lugar onde vivam.

Todo *conhecimento psicológico humano* que ele pode adquirir nunca será inútil. Não deve só ler o que tem uma orientação que lhe

agrada, mas saber também o que outros de diferentes ramos pensam sobre o ser humano. A sua fragmentação, as linhas psicológicas e pedagógicas da formação do caráter humano, serão sempre bem-vindas. O diretor espiritual deve depois saber avaliar, fazer triagem e iluminar através da fé os ensinamentos da Igreja.

É sempre importante partir do princípio de que as pessoas que procuram o diretor espiritual estão preparadas e a par dos conhecimentos quer humanos quer religiosos do mundo de hoje. Não aceitam “respostas” improvisadas ou desprovidas de fundamentação, e não devem fechar o assunto com frases simplórias do tipo: “Isto é fé e pronto!”, “Assim a Igreja quer” etc. Mas é preciso dar razões e *apresentar verdadeiras motivações que fundamentem o nosso falar.*

Uma qualidade sem dúvida importante é “*inspirar confiança*” nas pessoas que o procuram. A direção espiritual é essencialmente confiança. Não se trata apenas de um profissional, mas sim de alguém em quem acreditamos e para quem temos a coragem de nos abrir totalmente, apresentando a ele o mais íntimo do nosso ser. A confiança é uma virtude que se adquire lentamente e que exige reciprocidade. É um dom do Espírito Santo que devemos pedir para nós e para os outros. Ao mesmo tempo, o diretor espiritual também deve ter confiança na pessoa que dirige e crer que ela é sincera, disposta a seguir os conselhos e querer superar aquele momento crítico que está passando.

Deve ser uma pessoa de convicções profundas e enraizadas. E ter a capacidade de mostrar o ideal onde quer reconduzir a mesma

pessoa, ter clareza da meta. Não se admite no diretor espiritual insegurança, incerteza, dúvidas ou tampouco confusão de ideal. Quem busca quer perceber na pessoa que o dirige segurança no que diz e no que aponta. Que é verdadeiro e ensina o caminho da verdade. Ter clara consciência de que ele é que deve conduzir e não deixar-se conduzir pelo dirigido, fazendo suas vontades, seus caprichos. É necessário ter muito cuidado para não sermos conduzidos nem manipulados. A missão do diretor espiritual não é ser agradável, mas sim autêntico, honesto e verdadeiro no que diz e no ideal que aponta. A pessoa de Jesus Cristo e coerência de vida são ponto firme e indiscutível.

O diretor espiritual *deve ser uma pessoa de fé.* Uma fé adulta, madura, enraizada sobre uma fundamentação bíblica eclesiológica e sobre os grandes místicos, especialmente sobre os grandes santos que foram autênticos diretores espirituais: Francisco de Sales, Teresa de Ávila, João da Cruz, Inácio de Loyola etc. É bom sempre possuímos um bom “manual de direção espiritual” ou de teologia espiritual em que iremos encontrar experiência e ciência suficientes para orientar. Não devemos esquecer o conselho de Teresa: “Se devo escolher um diretor espiritual entre um santo e um douto, escolho o douto!”. A doutrina, a ciência evitam que se dêem conselhos fáceis mas não fundamentados e que sejamos demasiadamente “sentimentais e fideístas”.

Maturidade afetiva. É importante porque trata de “relacionamento”, de encontro. Devemos sempre ter presente que os nossos sentimentos nem sempre são ótimos conselheiros — aliás, na maioria das vezes são péssimos. A maturidade afetiva exige

que nunca se manifestem ao dirigido as nossas dificuldades, especialmente no campo afetivo ou sexual. Essas manifestações poderiam criar problemas mais tarde. A nossa missão é saber escutar e saber orientar; nisso reside a dificuldade de orientar os outros para o bem quando às vezes nós mesmos podemos perceber que estamos vivendo o mesmo drama da pessoa que estamos ajudando. É necessário muito equilíbrio.

Pedir constantemente a Deus a luz necessária para poder penetrar nos sentimentos mais profundos daquele que dirigimos para percebermos se é motivado por retas intenções ou por outros motivos humanos que seja necessário corrigir. Saber perceber quando alguém nos procura para fazer um caminho espiritual sério ou para satisfazer os seus sentimentos, para “sentir-se bem”, por necessidade ou por pura simpatia.

O diretor espiritual *deve ser capaz de escutar muito e falar pouco*. A sua missão não consiste em dar “aula de espiritualidade” ou aula de moral, mas sim escutar o que se passa na pessoa para depois poder orientar para caminhos que sejam retos, corajosos e provoquem mudanças interiores. Uma direção espiritual “moralista” não surte os efeitos esperados porque vai mais na linha da “ascese” que na linha da motivação e comunicação pessoal. A sua missão não é dar cursos senão ser testemunha dos valores que proclama e anunciar com força o evangelho de Jesus. Nada mais eficiente que o exemplo do que ensinamos. Hoje há muitas teorias e muitas incoerências na vida. Não se trata de falar de oração, mas que o dirigido veja no seu diretor espiritual uma pessoa de verdadeira e autêntica oração.

É sem dúvida muito importante *ter a arte de esperar* que a pessoa se abra espontaneamente e não querer forçar que o outro diga o que se passa dentro dele no primeiro encontro. Às vezes é necessário saber esperar meses e quem sabe anos para conhecer bem alguém. O que importa é que o diretor espiritual seja acolhedor, silencioso, guarde segredos e ame com todo o seu ser a quem o procura. *Guardar segredos*. O segredo da direção espiritual é “quase sacramental”. Se a pessoa nos confia sua vida, seus segredos, suas feridas, seus sonhos, é porque tem confiança em nós, e isto nunca poderá ser tirado. Muitas vezes as pessoas se afastam do caminho porque perdem a confiança ou porque percebem que o que elas dizem não é guardado com a devida prudência e atenção amorosa. *Saber aonde queremos conduzir a pessoa*. Ela deve sentir no diretor espiritual uma firmeza de ideal, uma segurança no caminho e clareza. Apontar sempre a meta para que possam ser purificadas, renovadas e corrigidas as motivações que levam a pessoa a tomar este caminho para própria realização. Jesus no evangelho sempre mostra a meta: o reino dos Céus. Ou: “Se quiser ser perfeito, vai vende o que tens, toma a sua cruz e siga-me!”. A meta será sempre uma: Cristo Jesus e seu evangelho.

A essas qualidades que apresentamos ao longo do caminho e da direção espiritual serão sem dúvida acrescentados outros meios que podem ajudar e servir para tornar a direção espiritual um momento de alegria, um encontro com Deus e um maior compromisso com a vida de cada dia, na qual queremos realizar o nosso projeto de vivência evangélica.

Diretor espiritual em São João da Cruz

Vejam os primeiros cegos. É sobremaneira conveniente à alma, que quer adiantar-se no recolhimento e perfeição, olhar em que mãos se põe; porque qual o mestre, tal o discípulo, e qual for o pai, tal será o filho. Note-se bem que para este caminho, ao menos para o que nele há de mais elevado, e ainda mesmo para o mediano, dificilmente se achará um guia cabal que tenha todos os requisitos necessários. Com efeito, além de ser sábio e prudente é mister que tenha experiência; porque para guiar o espírito, embora o fundamento seja o saber e a prudência, se não houver experiência do que é puro e verdadeiro espírito, não será possível atinar a dirigir a alma nele, quando Deus lho dá, e nem mesmo haverá compreensão do que seja.

Deste modo, muitos diretores espirituais prejudicam grandemente muitas almas; como não entendem as vias e peculiaridade do espírito, ordinariamente, induzem as almas à perda destas unções de delicados perfumes com que o Espírito Santo as vai unguindo e dispondo para si. Ocupam-se em dirigi-las por outros caminhos mais comuns que eles conhecem por experiência, ou por leituras que servem apenas para principiantes. Não sabem guiar senão a estes, e praza a Deus sejam aptos para isso! E assim não querem deixar que as almas se adiantem — mesmo quando Deus as quer levar — além daqueles princípios de oração discursiva e imaginária, para que não excedam e ultrapassem a capacidade natural cujo lucro para a alma é diminuto.

[...]

Na verdade, se o labor daquela mão delicadíssima do Espírito Santo veio a ser estragado por outra mão grosseira, quem acertará a refazê-lo?

E sendo esse prejuízo maior e mais grave do que se possa encarecer, é todavia tão comum e freqüente que mal achará um diretor espiritual capaz de não o causar nas almas que Deus começa a recolher nesta maneira de contemplação. Com efeito, muitas vezes Deus está unguindo a alma contemplativa com alguma dessas unções delicadíssimas de conhecimento amoroso, sereno, pacífico, solitário, mui remoto para o sentido, e além de quanto se pode imaginar, sem que seja possível meditar ou pensar em objeto algum, nem gozar de coisa do céu ou da terra, pois a alma está ocupada por Deus naquela unção solitária, e inclinada à solidão e ao ócio. Vem o diretor espiritual, que não sabe senão martelar e bater com as potências qual ferreiro, e pelo fato de não ensinar mais do que aquilo, nem saber mais do que meditar, dirá: vamos, deixai-vos destes repousos, pois isto é ociosidade e perda de tempo; ocupai-vos em meditar e fazer atos interiores, porque é necessário agir de vossa parte quanto vos for possível; essas coisas são iluminismos e enganos de néscios.

Assim, por não entenderem tais diretores os graus de oração e vias de espírito, não percebem como aqueles atos nos quais obrigam a alma a exercitar-se e também o querer levá-la pelo caminho do raciocínio seja trabalho já feito, pois essa alma já chegou à negação e silêncio do sentido e do raciocínio; alcançou a via do espírito, que é a contemplação, na qual cessa a atividade do sentido e do raciocínio, próprio da alma, e agora

é só Deus que age, falando secretamente à alma solitária, e ela se cala. Havendo esta alma atingido a via do espírito, conforme descrevemos, se então quiserem que ela caminhe segundo o sentido, decerto há de retroceder e distrair-se. Quem já chegou ao fim, e se põe a caminhar para alcançar esse fim, além de ser coisa ridícula forçosamente se afastará do termo do caminho. À alma, pois, que chegou pela operação das suas potências ao recolhimento e quietação que todo espiritual pretende, e em que cessam todas as operações das mesmas potências, não somente lhe seria vão ocupar-se de novo em atuar com as potências para alcançar tal recolhimento, mas até ocasionaria prejuízo, porquanto serviria de distração, levando-a a deixar aquele recolhimento já alcançado.

Advirtam tais guias espirituais de almas, e considerem que o principal artífice, guia e inspirador das almas em semelhante obra é o Espírito Santo, e não eles. Este Espírito divino jamais perde o cuidado delas; os diretores são apenas instrumentos para dirigir as almas na perfeição, mediante a fé e a lei de Deus, e segundo o espírito que ele vai dando a cada uma. Toda a solicitude que eles devem ter, portanto, seja em não as sujeitar ao próprio modo e condição deles, mas sim em olhar bem se sabem o caminho por onde Deus as conduz; porque se o não sabem, deixem-nas, e não as perturbem.

Chama 3, 30-46

Relacionamento entre diretor espiritual e dirigido

Não é necessário um grande esforço para compreender que a direção espiritual é um relacionamento humano entre duas pessoas que têm uma meta em comum: chegar à plenitude da vida interior em Cristo. Todo relacionamento, quando é sadio, desemboca na amizade. Há muitos autores que gostam de definir a direção espiritual como “amizade espiritual”. Esta definição me parece muito boa e ajuda a penetrar mais a fundo o encontro de duas pessoas que, tendo os mesmos sentimentos e objetivos de vivência evangélica, se ajudam reciprocamente. Muitas vezes na direção espiritual a primeira pessoa a ser beneficiada é o diretor espiritual, que depara com as maravilhas que Deus opera numa pessoa que se entrega totalmente à ação do Espírito Santo, que age profundamente em alguém para que seja mais configurada a Cristo Jesus.

O relacionamento não pode ser “gélido, frio”; deve, sim, apresentar todas as características de uma amizade fraterna que abre os caminhos para uma integração da fé, da amizade e do ideal de santidade. Todas as características do relacionamento humano de amizade

são necessárias para uma boa direção espiritual, sem dominar e sem impedir que o outro seja ele mesmo, e que possa viver com plena liberdade o que Deus lhe pede. Diretor espiritual não é máquina xerox, mas sim amigo, companheiro que contempla com alegria o desenvolvimento da pessoa nas várias dimensões humano-espirituais, se alegra pelo seu sucesso e se entristece pelos seus fracassos.

Amizade sincera

Quando se aceita o ministério de acompanhar alguém na vida espiritual, acolhe-se também este serviço como sinal de amizade sincera, cordial, um relacionamento afetivo que não deve criar dependência mas sim liberdade de ambas as partes. Pode acontecer que um dia o dirigido perceba que o diretor não o ajuda mais a caminhar rumo ao seu ideal. Com liberdade deve então deixá-lo e procurar outro. E pode acontecer que o diretor não se sinta mais apto para orientar, devendo aconselhar o dirigido a procurar uma outra pessoa mais preparada e mais experiente.

O encontro deve ser sempre marcado pela amizade, pela estima e pelo respeito recíproco. Jesus é o modelo desta amizade que deve existir entre as pessoas. Como Jesus era amigo? Poderíamos citar vários textos do evangelho. Convido você a ler e meditar: João 1,48: o encontro de Jesus com Natanael; João 3: o encontro de Jesus com Nicodemos; Mateus 19: o encontro com Zaqueu; João 4: o encontro com a samaritana; Marcos 10: o encontro de Jesus com o jovem rico.

Jesus sempre se relaciona na dimensão afetiva, humana, espiritual. Mesmo quando parece duro com os fariseus, é sempre para

levá-los ao arrependimento e para que se convertam e possam ter uma vida em abundância. Na amizade não pode existir pressa e nem pode faltar a arte de escutar e de permitir que o outro possa partilhar o que sente, o que vive. Mas também o verdadeiro amigo não é o que acolhe o outro "como ele é" e deixa por isso mesmo, mas sim o que tenta convencer e levá-lo àquilo que ele ainda não é mas deseja ser.

O relacionamento recíproco deve ser sentido como um momento de encontro, de alegria e não de peso. É por isso que o dirigido escolhe o seu diretor espiritual, menos nos casos que já a autoridade determina, como por exemplo nos seminários em que o bispo nomeia os diretores espirituais que são necessários ao acompanhamento dos seminaristas. Mas sempre resta a liberdade, em determinado momento, de procurar alguém com quem podemos nos abrir com sinceridade.

Sempre será necessário "vigiar" para que a afetividade não interfira negativamente no acompanhamento espiritual. Essa atitude de vigilância é sempre fundamental em todas as situações de ajuda mútua. O diretor espiritual não deve ser visto como um fiscal intransigente, mas como amigo fiel que nos ajuda a encontrar o verdadeiro sentido da vida.

O diretor espiritual não deve decidir no lugar do dirigido. Toda decisão é pessoal, particular. Toda orientação deve ser assumida, não há fórmula mágica para crescer na vida humana e espiritual. É a perseverança e a fidelidade ao projeto que nos fazem crescer.

O relacionamento diretor espiritual e dirigido é marcado pela simplicidade, pela amizade; é o caminho melhor para poder ajudar alguém a se desinstalar e compreender os próprios defeitos para caminhar com passo rápido e seguro para o encontro com Deus.

Quem pode ser diretor espiritual?

Este pequeno capítulo é muito importante. Nele gostaria de colocar em evidência as pessoas que podem exercer o ministério da direção espiritual. É uma diaconia sumamente necessária para que a evangelização interpessoal não seja só reservada ao sacerdote, que muitas vezes une o sacramento da confissão com a direção espiritual. Sobre este tema espero um dia poder escrever um pequeno livrinho que ajude a esclarecer as dúvidas de muita gente. Algumas idéias que podem nos ajudar a ver claro, na nossa vida de peregrino e caminheiro, que necessitamos, em determinados momentos, da ajuda de alguém que nos oriente na escalada do monte da perfeição, especialmente nas nossas “noites escuras”.

Nós definíamos a direção espiritual “uma ajuda que um cristão católico oferece a outro cristão católico para pode chegar à vivência do evangelho de Jesus Cristo, assim como orienta e quer a Igreja católica”. Esta definição descritiva deixa bem explícito que a direção espiritual não está unida ao ministério sacerdotal. E de fato, historicamente, ela surge dentro da vida monástica, separada do exercício

sacerdotal. O abade ou mestre dos noviços, o superior e as superiores são “diretores espirituais” natos para dirigir quer pessoalmente quer comunitariamente os religiosos que lhes são confiados.

O sacerdote

Não há dúvida de que o sacerdote, pelo ministério recebido e pela função que exerce na comunidade eclesial, é a pessoa que é destinada por excelência a ser “diretor espiritual”. Toda a sua formação teológico-pastoral foi orientada para ser o “pastor” das ovelhas. Ele, bom pastor espelhando-se em Cristo bom pastor, deve aprender a perceber o que as ovelhas necessitam e reconhecer a sua voz. Reconhecer o grito de ajuda delas para os pastores. Nem sempre os fiéis procuram os sacerdotes para serem atendidos na confissão, mas muitas vezes para pedir um conselho, uma orientação em situações difíceis em que se encontram, situações familiares, de trabalho, pessoais. O sacerdote, agora de confiança do povo, embora menos que em outros tempos, é uma das pessoas em quem o povo mais acredita. É necessário que todo sacerdote reserve uma parte de seu tempo para poder escutar o povo. Ele possui, por força do seu ministério, o carisma da escuta e a luz necessária para penetrar os corações das pessoas.

Os religiosos e religiosas

Todo religioso e religiosa, pela sua consagração, tem uma sensibilidade particular para compreender melhor os sofrimentos,

as tentações e dificuldades que as pessoas encontram para viver com fidelidade e radicalidade o evangelho, quer sejam leigos e leigas, quer sejam já consagrados. Podemos sem dúvida falar que todo superior, todo formador e formadora na vida religiosa são capacitados para serem “diretores espirituais”. O povo procura-os continuamente para pedir orientações concretas sobre como viver a palavra de Deus e como superar as dificuldades que encontram no dia-a-dia, como poder viver na dimensão da vida cotidiana a presença de Deus e caminhar para a santidade.

Formadores e formadoras das novas comunidades

As novas comunidades que foram surgindo têm uma preocupação comum: formar os membros que pedem para fazer parte das comunidades. As pessoas escolhidas pelo fundador ou fundadora para esta tarefa devem ter capacidade de iniciar os candidatos a viver o carisma e assumir o evangelho como projeto de vida. É o trabalho de um bom diretor espiritual. Esta tarefa delicada é entregue aos melhores elementos da comunidade que possuem preparação teológica e espiritual e que têm uma vivência de vida de qualidade. É um ministério que não pode ser dado a todos. É preciso fazer um discernimento para que os discípulos e formandos possam desenvolver uma vida interior e assimilar de verdade o carisma da Comunidade.

Catequistas

Todo catequista é orientador espiritual. A ele é confiada uma das missões mais nobres da evangelização. São pessoas de fé madu-

ra, adulta, que possuem uma característica indispensável para todo diretor espiritual: um amor apaixonado por Jesus Cristo. A Igreja nunca agradecerá suficientemente aos “milhões de catequistas” que pelo mundo inteiro, nos lugares mais difíceis do planeta, anunciam o evangelho e preparam as crianças e adultos para acolher os sacramentos da iniciação cristã: batismo, primeira eucaristia e crisma. Quantos conselhos, orientações sábias devem dar os catequistas aos que estão iniciando no conhecimento da pessoa de Jesus!

Pais

Os primeiros educadores na fé e na vida são os pais. A eles o Senhor dá a grande responsabilidade de educar na lei de Cristo e da Igreja os filhos que Deus lhes confia. Este compromisso é manifestado solenemente no dia do casamento quando o sacerdote pergunta: “Vocês prometem educar os filhos que Deus lhes confiar na lei de Cristo e da Igreja?” E os que estão celebrando o matrimônio respondem: *sim*. Todo *sim* é sinal de fidelidade, de entrega de amor. A palavra dada é mais importante que todas as assinaturas, é palavra fundamentada sobre a fidelidade e o amor. Aos pais é dada a responsabilidade de educar os filhos na fé. Eles são autênticos “diretores espirituais”, em força da própria missão de geradores da vida. A falta de exemplo, de autenticidade da vivência da fé é uma das causas da falta de compromisso dos jovens na vida da Igreja e nos compromissos pessoais com Deus. A vida que eles vêem muitas vezes refletida nos próprios pais levam os jovens a aprender o sentido do matrimônio, da religião, e a não acreditar

nos valores que os “grandes” dizem que são importantes, mas na verdade não vêm comprovados pela vida.

Na história temos pais santos que foram autênticos diretores espirituais dos próprios filhos e os educaram numa vida santa. Basta pensar nos pais de Santa Teresinha do Menino Jesus. Luiz Martin e Zélia Guerin souberam educar as suas filhas no conhecimento de Deus e foram para elas exemplo de vida. Ou o pai de Santa Teresa de Ávila, que se dedicou com amor à educação dos seus filhos; ou Santa Rita de Cássia, que embora tivesse um “marido” que não era modelo de vida cristã soube educar os filhos na fé cristã e no perdão. Muitos outros exemplos poderiam ser mencionados, mas não podemos deixar de citar Gianna Molla, santa que preferiu morrer a abortar e que deixou para o marido e para os filhos grande exemplo de vida cristã.

Professores

Todo educador é alguém que entra a fazer parte da vida das pessoas e as “forma” para o futuro. Às vezes não é que não somos educadores, mas somos demasiadamente ingênuos e achamos que um professor de matemática ou de química não tem como influenciar a orientação de vida religiosa e até secular dos jovens. Na verdade, a educação não é a matéria que o professor dá, mas é a vida que ele leva que se faz modelo. O nosso modo de agir tem uma força muito grande de influência na vida dos outros. O velho ditado é sempre válido em todos os tempos: “Diga-me com quem andas e dir-te-ei quem és!”.

Todo leigo que tenha uma responsabilidade num certo sentido, em algum momento da vida desempenha o papel da direção espiritual com seus conselhos, com seu testemunho, com sua vida. Ninguém pode viver isolado, somos integrados uns aos outros e influenciamo-nos reciprocamente. Uma influência benéfica orienta a vida para o bem, uma influência maléfica prejudica-nos por toda a vida.

Pode-se mudar de diretor espiritual?

Vimos como normalmente a pessoa escolhe o “seu diretor espiritual” entre as pessoas que mais lhe inspiram confiança. Às vezes, nas etapas de formação, o diretor espiritual é apresentado pela competente autoridade, para que haja uma formação mais homogênea e crie assim uma harmonia de ambiente e de vida. Um bom diretor espiritual não deve se intrometer nem dar palpite sobre o andamento prático da vida da pessoa que dirige. No que diz respeito à vida externa, quem oferece normas são os superiores e os reitores de seminários e não os diretores espirituais.

São João da Cruz diz que a alma procure bem e com cuidado e discernimento o diretor espiritual: “É sobremaneira conveniente à alma, que quer adiantar-se no recolhimento e perfeição, olhar em que mãos se põe” (*Chama 2, 30*).

São Francisco de Sales, que é dos melhores sistematizadores da direção espiritual, escreve: “Escolheis um entre mil, escreve a Santa de Ávila, e eu vos digo, um entre dez mil, porque é raríssimo encontrar alguém que seja capacitado para tal ofício” (introdução à vida devota).

João Clímaco nos oferece um critério importantíssimo para a escolha do diretor espiritual: “Não procuremos quem nos profetiza o futuro, mas mestres que sejam exemplo de humildade e, compreendendo as nossas enfermidades, nos ajudem a encontrar a cura.”

Portanto, vejamos:

Não ter pressa em escolher definitivamente um diretor espiritual; verificar se a pessoa tem qualidades suficientes para nos orientar e se nós temos confiança na pessoa.

Toda escolha espiritual deve ser precedida de oração; rezar e pedir ao Espírito Santo que a escolha de uma determinada pessoa como diretor espiritual não seja inspirada por motivos humanos, por pura simpatia, ou pela inteligência e “fama” do diretor espiritual, mas sim porque nele nós acreditamos e colocamos a nossa confiança e vemos diante de Deus que é a pessoa que mais nos poderá ajudar para progredir na vida interior.

Mudar de diretor espiritual

Se depois de um certo tempo de acompanhamento constatamos que o diretor espiritual não consegue nos ajudar a “sair” das nossas situações ou por vários motivos percebemos que não temos mais a necessária confiança e abertura de espírito, não devemos ter medo de mudar de diretor espiritual. A liberdade é sempre a característica fundamental em todo relacionamento. Ninguém é obrigado a dirigir quem não consegue compreender e ninguém é obrigado a se

deixar dirigir por quem não possui a capacidade de ajudá-lo. Não há nenhuma obrigação de “fidelidade” a um diretor espiritual.

O diretor espiritual não deve ir atrás dos seus dirigidos, ele deve acolhê-los, amá-los, ajudá-los para não criar dependências nem permitir que eles e elas criem dependência a seu respeito.

Quando devemos mudar de diretor espiritual?

Quando, por motivo extremo, se faz difícil encontrar o diretor espiritual por causa das distâncias ou por causa de mudança de trabalhos que impedem ter aqueles momentos de encontro e diálogo espiritual que nos estimula no caminho da virtude.

Ou quando se percebe que o diretor espiritual não tem suficiente doutrina e experiência para nos ajudar a compreender determinados estados espirituais que estamos passando. Nada impede de procurar outra pessoa que considerarmos mais experiente em determinado aspecto da vida interior. Ou se percebemos que o diretor espiritual “invade” determinada esfera do nosso agir familiar, pessoal, econômico, que não é de sua competência.

São João da Cruz pensa que é necessário mudar de diretor espiritual quando, embora este tenha nos ajudado em situações particulares, no momento atual não consegue nos compreender.

Se, porém, quiseses dizer que tens alguma escusa, embora eu não a veja, ao menos não poderás achar que é digno de desculpa o diretor de uma alma que, guiando-a, jamais a deixa sair de sua direção, seja mesmo pelos vãos motivos e razões que acha justos, mas que não hão de ficar sem castigo. Essa alma, para ir adiante

e progredir no caminho espiritual, contando sempre com a ajuda de Deus, decerto há de mudar em seu modo e estilo de oração, e terá necessidade de outra mais elevada doutrina e espírito do que este diretor lhe ensinou até então; porque nem todos têm ciência para todos os casos e dificuldades que há no caminho espiritual; não é concedido a todos espírito tão cabal que lhes dê a conhecer como deve ser levada e dirigida a alma em qualquer estado da vida espiritual. Pelo menos não pense o diretor que possui dom para tudo, nem julgue que Deus quer deixar de levar mais adiante aquela alma. Não basta que alguém saiba desbastar a madeira, para saber também entalhar a imagem; nem aquele que sabe entalhar, saberá esculpir e polir; o que sabe polir não saberá pintar; e qualquer um que saiba pintar não saberá dar à imagem a última demão e perfeição. De fato, cada um destes artistas não poderá trabalhar na imagem além daquilo que sabe, e se quiser passar adiante será para estragá-la.

Vejam agora, ó guia espiritual, se és apenas desbastador, isto é, capaz de pores a alma no desprezo do mundo e mortificação de teus apetites, ou se és, quando muito, entalhador, com o officio de iniciá-la em santas meditações, e não sabes mais do que isto. Como poderás levar esta alma até à última perfeição da mais delicada pintura, cujo trabalho não consiste mais em desbastar ou entalhar, nem mesmo em dar-lhe certo perfil, mas é agora obra que só Deus pode realizar na alma? E assim, se a tua doutrina, sendo sempre a mesma, mantém essa alma sempre atada, claro está que há de fazer com que ela volte atrás, ou, ao menos, não

vá para diante. Rogo que me digas, com efeito, em que estado há de ficar a imagem, quando continuamente a queres martelar e desbastar, isto é, deixá-la sempre no exercício das potências. Quando se concluirá a imagem? Como, ou quando se há de deixar que Deus mesmo a pinte? Será possível que tenhas capacidade para todos esses officios, e que te julgues tão consumado, para a alma não ter necessidade senão de ti?

Chama 3, 57-58

Podemos ter mais diretores espirituais?

Não é bom ter muitos médicos que podem nos atrapalhar na saúde. Minha mãe costumava dizer que muitos cozinheiros podem estragar a comida. Todos são ótimos conselheiros, mas cada um tem seu método de orientar. Mas ninguém possui o monopólio da verdade. Podem acontecer situações “emergenciais” em que necessitamos pedir um conselho e que o diretor espiritual esteja ausente ou longe, aí é preciso recorrer a outras pessoas. Ou quando passamos por um momento particular de crise, de conflito.

Às vezes é muito oportuno em situações difíceis, ou que podem marcar para sempre a nossa vida, agir como Santa Teresa de Ávila, que perguntava a várias pessoas para ver o que elas diziam e assim poder discernir melhor a vontade de Deus. Escutar a opinião de várias pessoas nunca é supérfluo nem demasiado e nem sinal de insegurança. Seria errado quando procuramos escutar a todos e não paramos até que encontremos quem pensa como nós.

Devemos consultar outras pessoas também quando percebemos que o diretor espiritual está inseguro em certas matérias de moral, de espiritualidade ou de conhecimento do tema que lhe apresentamos. Em todas as situações, o bom senso é sempre ótimo conselheiro. Sentir-se livre em tudo isto e comentar depois com o mesmo diretor espiritual que temos perguntado a outras pessoas e que nos deram opiniões um pouco diferentes.

A direção por carta? Por internet?

Não há nenhum impedimento e contra-indicação para fazer “direção espiritual” por carta, por telefone, via internet, desde que se conheça muito bem a pessoa. Mas esses meios não substituem normalmente a necessidade de um encontro interpessoal que seja mais demorado, e uma confrontação mais direta entre diretor e dirigido. É no diálogo que as situações vão se iluminando e aparecendo em toda sua realidade concreta.

Sem dúvida não aconselho uma direção “virtual”, com pessoas que não se conhecem pessoalmente, pois poder-se-ia cair nas mãos de pessoas pouco escrupulosas que fazem perguntas embaraçosas ou pedem pareceres sobre temas de moral ou religião simplesmente para testar-nos e ver o que nós pensamos sobre determinado assunto. A prudência nunca é demais nestas coisas. A direção espiritual virtual, como tudo o que é virtual, não é aconselhável. Há quem, não tendo nada a fazer o dia inteiro, se diverte a enviar *e-mail* sobre *e-mail* só para preencher o tempo e satisfazer a própria curiosidade.

Conteúdo da direção espiritual

A direção espiritual tem como finalidade levar a pessoa à unidade harmoniosa de todo o ser. Não pode por isso ser uma formação separada, dividida, como se o ser humano fosse feito de peças de um mosaico em que uma parte não tem nada a ver com a outra. É um conjunto harmonioso no qual a identidade humano-cristã — de casados, sacerdotes, religiosos — vai se integrando e manifesta a sua alegria da vivência. A vida inteira deve ser espiritual. Na seqüência destacamos alguns pontos que fazem parte da formação da direção espiritual:

- *Ajudar a pessoa a superar a dicotomia alma-corpo*, levando-a a ver o corpo como um sacramento do amor de Deus pelo qual se realiza a verdadeira experiência de Deus e a experiência do amor humano. A espiritualidade deve ser encarnada no mundo de hoje e no trabalho de cada um. Uma presença no mundo sem se deixar invadir pelo mundo em que vivemos, tornando-nos escravos de suas exigências. “Vós estais no mundo, mas não sois do mundo”; “vós sois o sal da terra”. Para exemplo da valorização do corpo

como templo do Espírito Santo pode ser meditado, entre tantos outros textos bíblicos, 2 Coríntios 5,1-10.

- Sabemos, com efeito, que ao se desfazer a tenda que habitamos — nossa casa terrestre — teremos nos céus uma casa preparada por Deus e não por mãos de homens, uma casa eterna. Pois gememos em nossa tenda, desejando revestir-nos de nossa morada celeste, na suposição de sermos encontrados vestidos e não despidos. Realmente, enquanto moramos nesta tenda suspiramos oprimidos, porquanto não queremos ser despidos mas sim revestidos de uma veste nova sobre a outra, para o mortal ser absorvido pela vida. Assim, estamos sempre confiantes, persuadidos de que o tempo que passamos no corpo é um exílio distante do Senhor. Estamos, repito, cheios de confiança, preferindo ausentar-nos do corpo para morar junto do Senhor. [...] Pois teremos todos de comparecer perante o tribunal de Cristo. Aí cada um receberá segundo o que houver praticado pelo corpo, bem ou mal.
- *Superar o egoísmo* e colocar-se generosamente ao serviço de Deus e dos outros. O fechamento sobre si mesmo numa estéril autocontemplação impede o progresso espiritual e humano.
- *Ajudar o dirigido a procurar uma vivência integral da vida sacramental* e não só de alguns sacramentos — eucaristia, confissão etc. Aprofundamento dos outros sacramentos, especialmente do batismo e do sacramento mais apropriado para a própria realidade de vida.
- *Ter uma terna e filial devoção a Nossa Senhora*, aprofundando a presença de Maria na vida de cada dia, como modelo de discípula e missionária de Jesus. Maria é modelo das virtudes inseridas no

contexto da vida cotidiana. Fazer de Maria um ponto referencial e imitá-la nas suas virtudes.

- *Criar uma maior familiaridade com a palavra de Deus* por meio da *lectio divina*, o estudo da Bíblia sagrada, tornando-se assim agentes de uma evangelização atuante e concreta.
- *Viver com autenticidade e coerência* as obrigações do próprio estado de vida sem se “refugiar” numa espiritualidade intimista. Levar a pessoa a sentir-se Igreja e ser solidária com todo o processo de evangelização.
- *Ajudar a pessoa numa serena iniciação de oração*, acompanhando-a nas várias fases de oração: vocal, meditativa, contemplativa, litúrgica, para que ela chegue a adquirir atitudes de oração e ser assim “adoradora em espírito e verdade”. Colocar no centro do processo de oração a pessoa de Jesus Cristo. Orientar a pessoa para se inserir e assumir as várias formas de oração: de louvor, de ação de graças, de súplica, de intercessão... Nos caminhos da oração existem muitos subsídios bons. A finalidade é levar a pessoa a experimentar a alegria da contemplação.
- *Iniciar a pessoa no conhecimento dos místicos*, especialmente os que são reconhecidos como mestres da vida espiritual. Um livro que deve ser lido e meditado principalmente no início do caminho espiritual é *Confissões*, de Santo Agostinho.
- *Introduzir a pessoa na oração pessoal e também comunitária e litúrgica*, ajudando-a a enfrentar a aridez interior e caminhar nas dificuldades e fazendo-a compreender que a oração não é “sentimento”, mas fidelidade ao projeto de amor a Deus.

- *Formar a pessoa para uma vida de ascese*, de mortificação para que seja mais solidária com os sofrimentos dos outros e mais em comunhão com os que sofrem. “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me!”
- *Exercitar um tipo de mortificação que leve ao autodomínio e controle de suas paixões*, à superação dos instintos, para poder gozar da liberdade interior. “Fostes chamados para a liberdade” (Gl 5,13), uma mortificação e jejuns que possam se reverter em benefício dos mais necessitados. No final, buscar compreender o sentido da partilha da mesma mortificação.
- *Educar ao sentido da cruz*. A “ciência” da cruz é necessária para o conhecimento experiencial de Cristo Jesus, que nos salvou mediante a sua paixão e morte de cruz. Morrer a nós mesmos para que Cristo possa viver em nós. Uma morte cotidiana (1Cor 15,31).
- *Assumir a própria fragilidade e paixões*, não em atitude passiva, mas dinâmica, tentando dominá-las e superá-las. Não desanimar diante dos fracassos da vida.
- *Acolher a cruz com alegria, como bem-aventurança*. “Felizes sereis quando vos insultarem e perseguirem e, por minha causa, disserem todo tipo de calúnia contra vós. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,12).
- Mas também *procurar voluntariamente se mortificar*, para ser livre diante das situações da vida que exigem sempre coragem e determinação.
- *Levar a pessoa a assumir a sua fé integrada na Igreja local e universal*. Não caminhar numa espiritualidade paralela, individualista e pessoal, mas fora de um contexto cristão e eclesial.

A direção espiritual deve fazer crescer uma pessoa que assume Jesus Cristo, a Igreja e a vida concreta de cada dia, que tem uma identidade cristã e social no ambiente em que vive, tornando-se assim fermento de transformação.

A direção espiritual na escolha vocacional

É importante acompanhar não só os jovens mas todas as pessoas quando devem decidir o que fazer na vida? Como orientar as próprias escolhas para que depois não se arrependam, criando assim desajustes espirituais, emocionais e de vida? Não é fácil decidir, daí a necessidade de refletir bem, como diz o evangelho:

Quem de vós, ao construir uma torre, não senta primeiro e calcula os gastos para ver se tem com que terminá-la? Do contrário, depois que tiver lançado os alicerces e não puder acabá-la, todos o verão e começarão a zombar, dizendo: “Este homem começou a construir e não pôde acabar”.

Lc 14,28-30

Verificar todas as possibilidades de escolha e discernir se temos qualidades suficientes para levar à frente o projeto que nos propusemos. O discernimento deve visar a três aspectos que devem estar juntos, não vistos separadamente:

- *A glória de Deus.* Todos nós fomos criados para ser felizes e nesta terra realizar o caminho de Deus, conhecê-lo, amá-lo, servi-lo aqui e agora, para depois gozar de sua presença por toda a eternidade. Um caminho que não é orientado pela palavra de Deus, pela moral, pelas normas da Igreja não pode ser um caminho vocacional para se escolher nem para se aconselhar. Na fase do discernimento vocacional, importa ajudar a pessoa a avaliar e verificar a consciência de sua escolha. Não há a mínima dúvida de que a responsabilidade final da escolha será sempre da pessoa.
- *O bem da pessoa.* Ao orientar alguém, não devem ser levados em consideração nossos gostos, nossas vantagens, as vantagens da família dos pais ou seja de quem for, mas sim o bem da pessoa. É ela quem deve viver a vida inteira a sua escolha na fidelidade e não os outros. Todos sabemos quanto desajuste e quanta tristeza sentimos quando alguém, depois de percorrer um caminho motivado pelo bem dos outros, desabafa dizendo que aquela não era sua vocação e que nunca quis assumir tal atividade ou qual vocação, seja matrimonial ou consagrada a outra atividade humana. O bem do indivíduo deve sempre ocupar o primeiro lugar no discernimento e acompanhamento vocacional.
- *O bem da comunidade.* Já vimos em vários momentos que ninguém pode usufruir ou fazer uso dos próprios dons e carismas em benefício próprio. Não há uma vocação para ser vivida egoisticamente; tudo deve ter em vista o bem do outro, a felicidade dos que convivem conosco e o bem da instituição em que estamos inseridos: a sociedade, a Igreja, a família, a comunidade eclesial ou religiosa.

Nesse caminho de escolha, sempre teremos a necessidade da ajuda de alguém que, não comprometido conosco emocionalmente, poderá nos aconselhar melhor, a partir das nossas qualidades pessoais ou tendências de vida.

Toda pessoa sempre deve ser estimulada, no crescimento pessoal, a desenvolver suas capacidades e desejos em vista da sua maturidade e felicidade.

Primeira vocação: viver a vida

A primeira vocação a ser vivida com intensidade e com profunda decisão e amor é a vida. É o dom de Deus recebido gratuitamente que nos é dado sem tê-lo pedido. Ninguém pediu para nascer, encontramos-nos inseridos na história e nos tornamos protagonistas da nossa história e do nosso futuro. Viver a vida não é vegetar ou apenas suportar a vida. Muitíssimos dos nossos irmãos e irmãs, pelas condições de vida subumana a que estão submetidos, vêm-se forçados a viver pensando somente na sobrevivência, e nada mais. Não têm opção para pensar na qualidade de sua vida nem sentem muitas vezes o desejo de crescer humana, intelectual e espiritualmente. A missão de todos os “formadores de opinião” ou evangelizadores é provocar a consciência para que desperte do seu “sono” e assuma de verdade as rédeas do seu futuro.

A vocação humana deve ser aprofundada. É preciso ajudar as pessoas a ser antes de tudo “pessoas”, para depois orientar a própria existência para vocações específicas. Isto é: como viver a vocação da vida? Que orientação dar? Como gerir a existência

que nos é dada gratuitamente como talento por Deus? A vida não pode ser somente guardada e enrolada num lençol esperando que ela termine; deve ser vivida, amada.

Vocação cristã

Sobre o alicerce da vocação humana bem estruturada surge a vocação cristã. Antes de tudo, o diretor espiritual deve levar a pessoa à consciência do seu batismo, pedra fundamental de todas as escolhas vocacionais. A vida cristã, recebida no sacramento do batismo, traz em si mesma, em embrião, uma riqueza que deve ser desenvolvida e crescer harmoniosamente. Não é inútil dedicar muito tempo à conscientização do que significa ser cristão hoje no mundo em que vivemos e como sermos seguidores de Jesus Cristo e membros ativos e dinâmicos na comunidade eclesial a partir da nossa laicidade. Toda vocação tem um processo evolutivo que deve ser acompanhado com amor e sem “queimar as etapas”. Há momento para pensar, para meditar, para aprofundar, para decidir e para viver a vocação. Às vezes a pressa para que a pessoa decida o que quer ser pode mais tarde trazer sérias conseqüências de descontentamento e de frustrações irreparáveis.

Toda escolha vocacional necessariamente exclui outra escolha, já que essas muitas vezes podem ser contraditórias entre si. Não há como escolher o matrimônio e o celibato. Não se pode simultaneamente ser uma pessoa pobre e rica. Nem obediente e rebelde. Nem casar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. A escolha implica que devemos excluir outras opções. Esse tipo de

decisão vai exigir madura reflexão. O jovem de hoje encontra-se numa situação de múltiplas possibilidades; assim, pela sua própria insegurança e pelo medo de errar que carrega dentro de si, gasta muito tempo para se decidir.

Projeto de Deus

Não se pode esquecer que Deus tem um projeto para nós e que é necessário examiná-lo bem quando se trata de vocações específicas como o sacerdócio ou a vida consagrada ou matrimonial. Estas não são simples escolhas de “trabalho”, mas sim de vida, de estilo comportamental, que marcam toda a existência de alguém. Jesus foi claro: quem chama e determina a escolha vocacional? É ele quem chama, não depende de nós, embora a resposta seja sempre nossa e determinante. “Não fostes vós que vos escolhestes, fui eu que vos escolhi” (Jo 15,16).

A riqueza dos carismas que é derramada sobre os nossos corações deve ser compreendida não como “propriedade pessoal, individualista”, mas sim como dom para os outros.

A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum.

1Cor 12,7

Pois assim como num só corpo temos muitos membros e cada um de nossos membros possui diferente função, assim também nós, sendo muitos, somos um só corpo em Cristo mas cada

membro está a serviço dos outros membros. Destarte todos nós temos dons diferentes segundo a graça que nos foi dada, seja a profecia segundo a proporção da fé, seja o ministério para servir. Se for o dom de ensinar, que ensine, se for o dom de exortar, que exorte. Se o de distribuir esmolas, faça-o com simplicidade. Se o de presidir, presida com zelo. Se o de exercer misericórdia, que o faça com afabilidade.

Rm 12,4-8

Vocação matrimonial

Não é nossa intenção passar em “resenha” todas as vocações, o que seria muito amplo; basta-nos evidenciar que é necessário redescobrir que o matrimônio não é consequência lógica do masculino e feminino, mas sim autêntica vocação. Os muitos fracassos que vemos nos matrimônios levam-nos a concluir que muitos se casam sem ter essa vocação, mas como uma exigência antropológica e uma idéia comum de que, chegada uma certa idade, é preciso decidir: “ou casar ou ser padre ou freira”. Não é por aí que devemos ajudar as pessoas. Mas o bom diretor espiritual, especialmente os pais, deve ajudar os jovens a reconhecer neles os sinais que os levam a escolher e tomar a decisão do matrimônio.

Vocação sacerdotal à vida consagrada

O sacerdócio, a Igreja tem repetido em muitíssimas circunstâncias, e o papa Bento XVI nestes últimos tempos o tem confirmado em várias situações: não é “projeção pessoal” nem *status* para ter

uma vida mais cômoda e confortável, mas sim uma vocação, um chamado, um serviço, uma diaconia especial ao povo de Deus e um amor apaixonado a Jesus Cristo. Seguir Jesus para agir em nome dele e na sua pessoa, para o bem das pessoas. Uma vida totalmente dedicada ao Cristo, à Igreja, ao povo de Deus. Não podem existir outros motivos. É necessário que o jovem tenha claro o que significa ser sacerdote e uma reta intenção. Isto é, desejar o sacerdócio por motivos de doação e serviço, por amor a Jesus Cristo, fundamento da vida de toda pessoa, mas que para o sacerdote se faz extremamente necessário.

Verificar sempre as motivações que levam o jovem a escolher o sacerdócio e verificar melhor a escolha que Jesus tem feito dele para esse serviço. Assumir os compromissos inerentes para viver com autenticidade o sacerdócio que não é só o celibato, mas também uma vida de oração, de doação, de pobreza evangélica e doação sem reserva ao Senhor e à Igreja.

Ajudar o jovem a verificar se os “sinais vocacionais” que ele manifesta são suficientes para escolher o caminho do sacerdócio. A pessoa que não consegue se sentir feliz na oração, no serviço litúrgico, não vive uma harmonia consigo, com os outros, não encontra prazer no anúncio do evangelho e não tem uma maturidade afetiva para assumir o celibato. Estes são sinais que denotam que o sacerdócio não é sua vocação.

Motivações insuficientes para o sacerdócio

Muitas podem ser as motivações que levam uma pessoa a escolher o sacerdócio ou a vida consagrada, mas nem todas são

suficientemente abalizadas e sérias. Devem ser examinadas com atenção não somente pelos formadores como também pelo diretor espiritual. O amor apaixonado por Cristo Jesus como pessoa, com quem é necessário entrar em comunhão, e não as obras que podemos fazer, eis o referencial. “É necessário sempre ter presente que por causa do trabalho do Senhor não esqueçamos o Senhor de todo trabalho.” Desejar o que os leigos podem fazer, obras de apostolado, dedicação evangelizadora, trabalhos sociais e promocionais não são motivações suficientes para a vida sacerdotal e religiosa. É algo a mais que é necessário ter: o seguimento radical e incondicional de Cristo Jesus, estar ao seu serviço a tempo pleno, integral, 48 horas por dia.

Tampouco são motivações suficientes o desejo de estudar, de ser teólogo, psicólogo ou outras tarefas que se podem adquirir sem a vida sacerdotal ou religiosa. Menos ainda o desejo de conhecer lugares santos como Roma e Jerusalém. Também não são motivações a busca de uma tranquilidade social e econômica, o desejo de ajudar os parentes, a família pobre, a sair de sua pobreza.

Menos sérias ainda são as motivações que poderíamos denominar de “múltiplas fugas”, que podem estar presentes no inconsciente das pessoas. Evitar dificuldades, não enfrentar a vida, não querer resolver decepções ou traumas e preferir se refugiar na vida religiosa ou sacerdotal. Nem é válido querer assumir essas vocações buscando “querer se redimir de erros cometidos”.

Há jovens que querem porque querem ser sacerdotes e religiosos e, embora todos os orientem a não assumir esta vida, fazem todo o possível para tal, fazendo uso até de mentiras ou subterfúgios para

chegar ao objetivo proposto, criando mais tarde muitas dificuldades tanto para si como para os outros. Os sacerdotes, os consagrados, são pessoas colocadas no candelabro para que todos, “vendo as suas boas obras, glorifiquem o Pai que está no céu”.

O sacerdócio e a vida religiosa não podem ser o “refúgio” dos insatisfeitos e inquietos. É necessário ajudar as pessoas a compreender que ser sacerdote e consagrado é assumir uma vida de realização em todas as áreas.

Orientações úteis

Algumas simples orientações que podem ajudar o diretor espiritual e o dirigido a levar luz sobre a própria vocação e escolha. A pessoa humana é considerada “madura” quando é capaz de assumir suas responsabilidades sem depender dos outros, sem escravizar ninguém e dando aos demais a liberdade necessária para ser ela mesma. Quando não carrega em si mesma perturbações que prejudiquem a ela e aos demais, quando consegue realizar o seu projeto com equilíbrio, a maturidade abrange todas as esferas da pessoa: intelectual, afetiva, espiritual, pastoral etc.

Maturidade afetiva significa que a pessoa possui uma vida afetiva integrada, com harmonia entre seus impulsos e sexualidade, sendo capaz de canalizar o amor para o bem próprio e dos outros. Esse tipo de maturidade impede que a pessoa crie distúrbios emocionais para si e para os demais que com ela convivem, já que possui autodomínio sobre seus instintos.

Maturidade social e comunitária é qualidade que possibilita à pessoa inserir-se harmoniosamente no contexto social, histórico e

comunitário em que é chamada a viver. Essa qualidade faz com que seja capaz de escutar, dialogar e integrar-se com os que convivem com ela, pronta a oferecer seus dons e até a sacrificar os próprios interesses pelo bem da comunidade.

Maturidade ética e espiritual permite ao indivíduo conciliar e integrar as qualidades humanas com os valores do evangelho. Equilíbrio para saber decidir e escolher o que está em conformidade com a verdade que professa. O indivíduo que possui esse tipo de maturidade não está sujeito a mudanças de caráter oportunista e momentâneo, incoerência que gera atitudes de vitimismo ou incentiva a usar os demais como “trampolim” para seus interesses pessoais.

Quem escolhe e é escolhido para o sacerdócio ou a vida consagrada deve manifestar identidade de vida humana, espiritual e cristã que o capacite para viver os valores que a mesma vida exige, sem criar grandes perturbações ou incoerência que possam gerar escândalos e até mesmo desorientar o povo de Deus.

Contra-indicações

Sem entrar em pormenores desnecessários, concluímos que é fácil para um diretor espiritual, que tenha ele mesmo equilíbrio e busque a verdade e o bem do outro de forma sincera, perceber quando alguém possui contra-indicações para o sacerdócio ou a vida consagrada.

Assim, as contra-indicações são: ausência de equilíbrio psíquico ou a incapacidade de dominar os seus próprios instintos; necessidade de “usar os outros” para chegar a realizar os seus ideais; falta

de controle do impulso sexual; sentimentos de baixa auto-estima ou necessidade de auto-afirmação que se torna inescrupulosa nos meios que usa para esta finalidade; ganância e amor ao dinheiro que prevalecem sobre qualquer atitude moral. Todos estes são sintomas que mostram claramente que a pessoa não tem possibilidade de escolher e assumir o sacerdócio e a vida consagrada. São contra-indicações claras; daí ser necessário desaconselhar e impedir que determinadas pessoas assumam compromissos que não poderão viver. Não se trata de “excluir” ou de buscar o perfeccionismo, mas de qualidades mínimas necessárias para exercer um determinado serviço à comunidade.

Dois textos podem nos ajudar a compreender melhor tudo isto:

Como povo real, a Igreja reconhece-se radicada e animada pela “lei do Espírito que dá vida” (Rm 8,2), que é essencialmente a lei régia da caridade (cf. Tg 2,8) ou a lei perfeita da liberdade (cf. Tg 1,25). Ela cumpre, por isso, a sua missão quando guia *cada fiel para descobrir e para viver a própria vocação na liberdade e levá-la a bom termo na caridade.*

Na sua tarefa educativa, a Igreja interessa-se, com atenção privilegiada, por suscitar nas crianças, nos adolescentes e nos jovens o desejo e a decisão de um seguimento integral e comprometido com Jesus Cristo. O trabalho educacional, mesmo que diga respeito a toda a comunidade cristã enquanto tal, deve se orientar para a pessoa singular: Deus, de fato, com o seu chamamento, atinge o coração de cada homem, e o Espírito, que mora no íntimo de cada discípulo (cf. 1Jo 3,24), dá-se a cada cristão

com carismas diversos e particulares manifestações. Cada um, portanto, deve ser ajudado a acolher o dom que, precisamente a ele como pessoa irrepetível e única, é confiado, e a escutar as palavras que o Espírito de Deus lhe dirige singularmente.

Nessa perspectiva, o cuidado pelas vocações ao sacerdócio saberá exprimir-se também numa firme e persuasiva proposta de *direção espiritual*. É preciso redescobrir a grande tradição do acompanhamento espiritual pessoal, que sempre deu tantos e tão preciosos frutos, na vida da Igreja: esse acompanhamento pode, em determinados casos e em condições bem precisas, ser ajudado, mas não substituído, por formas de análise ou de ajuda psicológica. As crianças, os adolescentes e os jovens sejam convidados a descobrir e a apreciar o dom da direção espiritual, e a solici-tá-lo com confiante insistência aos seus educadores na fé. Os sacerdotes, pela sua parte, sejam os primeiros a dedicar tempo e energias a esta obra de educação e de ajuda espiritual pessoal: jamais se arrependirão de ter transcurado ou relegado para segundo plano muitas outras coisas, mesmo boas e úteis, se for necessário para o seu ministério de colaboradores do Espírito na iluminação e guia dos chamados.

O objetivo da educação do cristão é atingir, sob o influxo do Espírito, "a plena maturidade de Cristo" (Ef 4,13). Isto se verifica quando, imitando e partilhando a Sua caridade, faz-se da própria vida um serviço de amor (cf. Jo 13,14-15), oferecendo a Deus um culto espiritual que Lhe seja agradável (cf. Rm 12,1) e doando-se aos irmãos. *O serviço de amor é o sentido fundamental de toda a vocação*, que encontra uma realização específica na vocação do

sacerdote: efetivamente, ele é chamado a reviver, na forma mais radical possível, a caridade pastoral de Jesus, isto é, o amor do Bom Pastor que "dá a vida pelas ovelhas" (Jo 10,11).

Por isso, uma autêntica pastoral vocacional nunca se cansará de educar as crianças, os adolescentes e os jovens para a atração pelo compromisso, para o sentido do serviço gratuito, para o valor do sacrifício, para a doação incondicionada de si mesmo. Torna-se então particularmente útil a experiência do voluntariado, para o qual está a crescer a sensibilidade de tantos jovens: se for um voluntariado evangelicamente motivado, capaz de educar para o discernimento das carências, vivido cada dia com dedicação e fidelidade, aberto à eventualidade de um compromisso definitivo na vida consagrada, alimentado pela oração, poderá mais seguramente sustentar uma vida de compromisso desinteressado e gratuito, e tornará quem a ele se dedica mais sensível à voz de Deus que o pode chamar ao sacerdócio. À diferença do jovem rico, o empenhado no voluntariado poderia aceitar o convite cheio de amor, que Jesus lhe dirige (cf. Mc 10,21), e podê-lo-ia aceitar porque os seus únicos bens consistem já no doar-se aos outros e no "perder" a sua vida.

Pastores dabo vobis 40

Deus Pai, pelo dom contínuo de Cristo e do Espírito, é o formador por excelência de quem a Ele se consagra. Mas nesta obra Ele Se serve da mediação humana, colocando ao lado dos que chama alguns irmãos e irmãs mais velhos. A formação é portanto

participação na ação do Pai que, por intermédio do Espírito, plasma no coração dos jovens e das jovens os sentimentos do Filho. Assim, os formadores e formadoras devem ser especialistas no caminho da procura de Deus, para serem capazes de acompanhar também outros neste itinerário. Atentos à ação da graça, saberão apontar os obstáculos, mesmo os menos visíveis, mas sobretudo hão de mostrar a beleza do seguimento do Senhor e o valor do carisma em que isso se concretiza. Às luzes da sabedoria espiritual unirão a iluminação oferecida pelos instrumentos humanos, que possam servir de ajuda tanto no discernimento vocacional como na formação do homem novo, para que se torne autenticamente livre. Instrumento essencial de formação é o colóquio pessoal, que se há de verificar regularmente e com uma certa freqüência, como tradição de insubstituível e comprovada eficácia.

Perante tarefas tão delicadas resulta verdadeiramente importante a preparação de formadores idôneos que, no seu serviço, assegurem uma grande sintonia com o caminho de toda a Igreja. Será oportuno criar estruturas adequadas para a *preparação dos formadores*, se possível em lugares onde seja proporcionado o contato com a cultura em que há de ser depois exercido o serviço pastoral. Nessa obra de formação, os Institutos que já se encontrem mais bem radicados dêem uma mão aos Institutos de fundação mais recente, graças à ajuda de alguns dos seus melhores membros.

Vita Consecrata 66

O diretor espiritual deve ser o primeiro a querer que as pessoas que ele dirige sejam felizes, realizadas. Não devemos preocupar-nos do número dos sacerdotes e consagrados, mas da qualidade destas pessoas, chamadas a serem modelos de vida para os demais.

A direção espiritual nas noites escuras

Mais cedo ou mais tarde vão surgindo no horizonte da vida noites escuras e noites traiçoeiras, quando não se enxerga mais nada. Não conheço vida de santo que não tenha passado por essas noites, caminho obrigatório dos que querem chegar à verdadeira experiência de Deus. Não há como fugir nem como evitá-las, é necessário enfrentá-las corajosamente. Deus é luz e por isso ilumina os nossos caminhos e clareia as nossas noites, mas ele também é Noite e por isso cega as nossas luzes para que aprendamos a caminhar na busca do seu rosto, muitas vezes ofuscado pela neblina do nosso pecado.

As noites de Santa Teresinha

Teresa do Menino Jesus nasceu em 1783, em Alençon, na França, e desde menina sentiu uma grande e forte atração para Deus. Aos quinze anos, depois de muitas dificuldades vocacionais e resistência por parte de muitas pessoas, conseguiu entrar no Carmelo de Lisieux. Amada, mimada por Deus, parecia destina-

da a passar sobre a terra sem passar nenhuma noite interior. No entanto, no fim de sua vida ela se viu mergulhada em profunda noite espiritual. Enfrentando crises de fé e de abandono por parte de Deus, sentia-se sozinha. Foi nesses momentos terríveis que ela, com maturidade humano-espiritual, foi enfrentando tudo, até que a noite... passasse. Não há como fugir a este desafio e provação, é preciso preparar-nos para que, quando a noite vier, estejamos prontos.

Nos dias tão alegres do tempo pascal, Jesus fez-me sentir haver almas sem fé que, por abuso das graças, perdem esse precioso tesouro, fonte das únicas alegrias puras e verdadeiras. Permitiu que minha alma fosse invadida pelas mais densas trevas e que a idéia do Céu, tão suave para mim, não passasse de tema de combate e tortura. [...] Essa provação não devia durar apenas alguns dias, algumas semanas, só devia desaparecer na hora marcada por Deus e [...] essa hora não chegou ainda. [...] Gostaria de poder expressar o que sinto, mas creio ser impossível. É preciso ter andado por esse túnel escuro para compreender a escuridão. Mas vou tentar explicar por meio de uma comparação.

Imagino ter nascido num país envolvido por um denso nevoeiro. Nunca contemplei o risonho aspecto da natureza, inundada, transfigurada pelo sol brilhante; desde minha infância ouço falar dessas maravilhas, sei que o país em que estou não é a minha pátria, que existe outro com o qual devo sonhar sempre. Não se trata de uma história inventada por um habitante do triste país em que estou, mas é uma realidade comprovada, pois o Rei da

pátria do sol brilhante veio viver trinta e três anos no país das trevas. Ai! as trevas não entenderam que esse Rei divino era a luz do mundo. [...] Mas, Senhor, vossa filha entendeu vossa divina luz, pede-vos perdão pelos seus irmãos, aceita comer, pelo tempo que quiserdes, o pão da dor e não quer levantar-se desta mesa coberta de amargura onde comem os pobres pecadores antes do dia marcado por vós. [...] Mas não pode ela dizer em seu nome e em nome dos seus irmãos: Tendes piedade de nós, Senhor, pois somos pobres pecadores!? [...] Oh! Senhor, mandai-nos justificados para casa. [...] Que todos aqueles que não estão iluminados pela luz resplandecente da fé a vejam finalmente luzir. [...] Ó Jesus, se for preciso que a mesa por eles maculada seja purificada por uma alma que vos ama, aceito comer sozinha o pão da provação até o momento que vos agradar introduzir-me em vosso reino luminoso. A única graça que vos peço é a de nunca vos ofender! [...]

Madre querida, o que vos escrevo não tem seqüência lógica. Minha historiazinha que se assemelhava a um conto de fadas transformou-se de repente em oração. Não sei do interesse que teríeis em ler todos estes pensamentos confusos e mal expressos. Enfim, Madre, não escrevo uma obra literária, mas por obediência. Se vos aborreço, vereis, pelo menos, que vossa filha mostrou boa vontade. Portanto, e sem desanimar, vou prosseguir com minha comparaçãozinha, a partir do ponto em que a deixei. Dizia que a certeza de um dia ir longe do país triste e tenebroso me fora dada na infância; não acreditava apenas no que ouvia dizer por pessoas mais instruídas que eu, mas sentia no fundo

do meu coração aspirações por uma região mais bonita. Assim como o gênio de Cristóvão Colombo levou-o a pressentir a existência de um novo mundo quando ninguém tinha pensado nisso, também eu sentia que outra terra me serviria de morada estável um dia. Mas de repente o nevoeiro que me envolve torna-se mais denso, invade minha alma, e a envolve de tal maneira que não me é mais possível ver nela a imagem da minha pátria. Tudo se evaporou! Quando quero que meu coração, cansado das trevas que o envolvem, repouse com a lembrança do país luminoso ao qual aspiro, meu tormento aumenta. Parece-me que as trevas, pela voz dos pecadores, me dizem zombeteiras: “Sonhas com a luz, com uma pátria perfumada pelos mais suaves olores, sonhas com a eterna posse do Criador de todas essas maravilhas, acreditas um dia poder sair do nevoeiro que te envolve, avança, avança, alegra-te com a morte que não te dará o que esperas, mas uma noite ainda mais profunda, a noite do nada”.

Madre querida, a imagem que quis vos dar das trevas que envolvem minha alma é tão imperfeita quanto um esboço comparado com o modelo. Porém, não quero escrever mais, receio blasfemar [...] receio até ter falado demais.

MC 6v-7f

São João da Cruz

O grande místico carmelitano soube experienciar pessoalmente o mistério das noites do espírito e relatá-las para que quando nelas nos encontrarmos possamos saber como agir; recorda-nos que Deus coloca na noite os que ama e os que quer levar à contemplação.

Nesta noite escura começam a entrar as almas quando Deus as vai tirando do estado de principiantes – seja, o estado dos que meditam – e as começa a pôr no dos aproveitados ou proficientes – que é já o dos contemplativos – a fim de que, passando pela noite, cheguem ao estado dos perfeitos – o da divina união da alma com Deus.

Para entender e declarar melhor que noite seja esta pela qual a alma passa, e por que razão Deus nela a põe, será conveniente tocar aqui algumas particularidades dos principiantes, e fará com que, vendo a fraqueza do seu estado, se animem e descjem que Deus os ponha nesta noite onde se fortalecem e confirmam as virtudes e se dispõem para os inestimáveis deleites do amor de Deus. Embora nos detenhamos um pouco, não será mais do que o necessário. Depois trataremos logo desta noite escura.

Convém saber que a alma, quando determinadamente se converte a servir a Deus, de ordinário é criada e regalada pelo Senhor, com o mesmo procedimento que tem a mãe amorosa com a criança pequenina. Ao calor de seus peitos a acalenta; com o leite saboroso e manjar delicado a vai nutrindo, e em seus braços a carrega e acaricia. À medida, porém, que a criança vai crescendo, a mãe lhe vai tirando o regalo e, escondendo o terno amor que lhe tem, põe suco de aloés amargo no doce peito; desce o filhinho dos braços e o faz andar por seus próprios pés, para que, perdendo os modos de criança, se habitue a coisas maiores e mais substanciais. Qual amorosa mãe procede a graça de Deus quando, por novo calor e fervor do Altíssimo, torna, por assim dizer, a gerar a alma. Primeiramente lhe concede doce e saboroso leite espiritual, sem nenhum trabalho da alma, em

todas as coisas divinas, e com grande gosto para ela nos exercícios espirituais, dando-lhe Deus então seu peito de amor terno, como à criancinha terna.

A alma acha seus deleites em passar muito tempo a fazer oração, e, porventura, até noites inteiras gasta neste exercício; seus gostos são as penitências, os jejuns; suas consolações estão em receber os sacramentos e comungar às coisas divinas. E embora o faça com muito fervor e assiduidade, praticando esses exercícios com sumo cuidado, todavia, não deixa de proceder, em todas essas coisas, com muita fraqueza e imperfeição, sob o ponto de vista espiritual. São movidas as almas a estas mesmas coisas e exercícios espirituais pela consolação e gosto que nisso acham. E, não estando ainda habilitadas por exercícios de forte luta nas virtudes, daí lhes vêm, em todas as suas obras espirituais, muitas faltas e imperfeições. Com efeito, cada qual age conforme o hábito de perfeição que possui. Ora, como estes principiantes não puderam ainda adquirir hábitos fortes, necessariamente hão de obrar fracamente, quais meninos fracos. E para que com mais clareza apareça esta verdade e se veja quão faltos estão os principiantes em matéria de virtudes, nas coisas que fazem com facilidade, levados pelo gosto, iremos notando, pelos sete vícios capitais, algumas das muitas imperfeições em que caem. Conhecer-se-á então claramente como as suas obras são de pequeninos. Também se há de ver quantos bens traz consigo a noite escura, de que em breve trataremos, pois limpa e purifica a alma de todas essas imperfeições.

I Noite 1, 1-3

Quando você se encontrar em dificuldades, na solidão, nas noites da fé e nada à sua frente lhe parecer com sentido, não se deixe tomar pelo medo. Procure aí um bom diretor espiritual que possa sustentá-lo, animá-lo, encorajá-lo para passar estas noites "cíclicas" da vida interior e continuar o seu caminho na fé. Crer não é sentir, mas querer crer.

O diretor espiritual, como um bom médico, saberá diagnosticar se a noite que está atravessando são provações de Deus, fruto de uma vida relaxada ou sinal de depressão doentia, quando então será necessário um bom médico e psicólogo para lhe ajudar a sair desta noite. Não se deve confundir ou pensar que a depressão é noite escura enviada por Deus e nem que toda noite escura é depressão. Precisamos uma boa orientação de pessoas capacitadas e conhecedoras dos caminhos do espírito para nos ajudar a fazer um diagnóstico que possa nos ajudar a superar os momentos difíceis de nossa vida e sentir-nos felizes e tranquilos na confiança do Deus amor.

Não desanime..., continue o caminho..., procure o caminho... e chegará à meta que é Deus!

Maria, mãe de Jesus, que soube orientar o Filho na sua infância, e também aos discípulos mais tarde, saberá também nos orientar nos momentos difíceis de nossa caminhada. E repetirá, mesmo nas noites e nos desconcertos da vida: "Fazei tudo o que ele vos disser!".

Conclusão

Nesta nossa viagem pela orientação espiritual pudemos perceber que ninguém pode viver e se realizar plenamente sozinho, dispensando a cooperação, a ajuda e a reciprocidade dos demais. O mesmo Deus diz: "Não é bom que o homem esteja só", e deu-lhe uma companheira para que juntos pudessem realizar melhor o projeto preestabelecido desde sempre. Mesmo que às vezes as pessoas se prejudiquem reciprocamente, as vantagens e o bem do encontro são sempre maiores. Necessitamos em todos os campos de mestres que, usando a experiência do passado, lancem pontes para o futuro. O futuro de hoje, por sua vez, será o hoje de amanhã. Na experiência de Deus, acolhendo a herança dos grandes profetas, dos místicos e especialmente de Jesus, que veio entre nós e formou uma pequena comunidade, para nos ensinar como se vive a harmonia humana, conseguimos atravessar o deserto da vida com menos tristezas e mais alegrias.

Haverá momentos em que você se sentirá tão animado de graça, de paz e de amor que vai sentir vontade de sair pelas ruas

proclamando a tua felicidade e convocando a todos para que sejam felizes com você. Assim fez Jesus quando iniciou o seu ministério e proclamou as Bem-Aventuranças. Assim fez Francisco de Assis quando reuniu ao seu redor um grupo de homens e mulheres para cantar a verdadeira alegria. Assim fez Teresa de Calcutá, que, abandonando um futuro promissor de professora e diretora de escola, se lançou na aventura de ser a mãe dos excluídos mais excluídos. Assim fez Teresa do Menino Jesus, que, entrando aos quinze anos no Carmelo de Lisieux, com sua santidade procura, pela alegria das pequenas coisas, contagiar milhões de pessoas. A doutrina da infância espiritual é o segredo para poder viver o caminho da intimidade com Deus e com os outros. Assim o fizeram Teresa de Ávila, João Paulo II, Catarina de Sena etc. Todos nós temos momentos em que nos tornamos, pela vivência da fé, orientadores, estimuladores de tanta gente que vive momentos de desânimo ou de desconforto na solidão existencial.

Haverá também momentos de desânimo, de deserto, de solidão, em que nós mesmos precisamos buscar alguém que nos anime e encoraje no nosso dia-a-dia. Nesta comunhão de riqueza e pobreza, de necessidade e abundância é que surge a cooperação humana. Encontraremos sempre pessoas dispostas a nos auxiliar para que possamos recuperar nosso entusiasmo pela vida. E sempre encontraremos pessoas necessitadas de nossa mão estendida para sair de suas dificuldades. Nunca neguemos a nossa ajuda e nunca nos será negada a ajuda quando precisarmos.

“Onde não há amor, coloque amor e receberás amor.”

São João da Cruz

Se você não encontrar qualquer um de nossos livros em sua livraria preferida ou em nossos distribuidores/revendedores, faça o pedido por reembolso postal a:



caixa postal 42335
04218-970 são paulo sp
T 55 11 2914 1922
F 55 11 2063 4275
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

DISTRIBUIDORES

BAHIA

LIVRARIA E DISTRIBUIDORA MULTICAMPI LTDA.
Rua Direita da Piedade, 20 – Fiedade
Tel 71 2101-8000 | Telefax 71 2101-8009
40070-190 – Salvador, BA
ldm@livrariamulticampi.com.br

MINAS GERAIS

ASTECA DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA.
Distribuição
Rua Costa Monteiro, 50 e 54 – Sagrada Família
Tel 31 3423-7979 | Fax 31 3424-7667
31030-480 – Belo Horizonte, MG
distribuidora@astecabooks.com.br

Livraria

Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – loja 2129
Planalto
Tel 31 3443-3990 | Fax 31 3443-3990
31720-300 Belo Horizonte, MG
livraria@astecabooks.com.br

MÃE DA IGREJA LTDA.

Rua São Paulo, 1054/1233 – Centro
Tel 31 3213-4740 / 3213-0031
30170-131 – Belo Horizonte, MG
maedaigreja@globo.com

RIO DE JANEIRO

ZÉLIO BICALHO PORTUGAL CIA. LTDA.
Vendas no Atacado e no Varejo
Av. Presidente Vargas, 502 – sala 1701
Telefax 21 2233-4295 / 2263-4280
20071-000 – Rio de Janeiro, RJ
zeliobicalho@globo.com

REVENDEDORES

AMAZONAS

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Costa Azevedo, 105 – Centro
Tel 92 3232-5777 | Fax 92 3233-0154
69010-230 – Manaus, AM
vozes61@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS

Av. 7 de Setembro, 665
Tel 92 3633-4251 / 3233-5130 | Fax 92 3633-4017
69005-141 – Manaus, AM
livmanaus@paulinas.com.br

BAHIA

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Carlos Gomes, 698A –
Conjunto Bela Center – loja 2
Tel 71 3329-5466 | Fax 71 3329-4749
40060-410 – Salvador, BA
vozes20@uol.com.br

EDITORIA VOZES LTDA. – SEDE

Rua Frei Luis, 100 – Centro
Tel 24 2233-9000 | Fax 24 2231-4676
25689-900 – Petrópolis, RJ
vendas@vozes.com.br

RIO GRANDE DO SUL

LIVRARIA E EDITORA PADRE REUS
Rua Duque de Caxias, 805
Tel 51 3224-0250 | Fax 51 3228-1880
90010-282 – Porto Alegre, RS
livrariareus@livrariareus.com.br
loja@livrariareus.com.br

SÃO PAULO

DISTRIBUIDORA LOYOLA DE LIVROS LTDA.

Vendas no Atacado
Rua São Caetano, 959 – Luz
Tel 11 3322-0100 | Fax 11 3322-0101
01104-001 – São Paulo, SP
vendasatacado@livrarialoyola.com.br

LIVRARIAS PAULINAS

Via Reposo Tavares, km 19,145
Tel 11 3789-1425 / 3789-1423 | Fax 11 3789-3401
05577-300 – São Paulo, SP
expedicao@paulinas.com.br

PIAUI

LIVRARIA NOVA ALIANÇA
Rua Olavo Bilac, 1259 – Centro
Telefax 66 3221-6793
64001-280 – Teresina, PI
livrarianovaalianca@hotmail.com

LIVRARIAS PAULINAS

Av. 7 de Setembro, 680 – São Pedro
Tel 71 3329-2477 / 3329-3666
Fax 71 3329-2546
40060-001 – Salvador, BA
livsalvador@paulinas.com.br

BRASÍLIA

EDITORIA VOZES LTDA.
SCLR/Norte – Q. 704 – Bloco A n. 15
Tel 61 3326-2436 | Fax 61 3326-2282
70730-516 – Brasília, DF
vozes09@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS

5CS – Q. 05 / Bl. C / Lojas 19/22 – Centro
Tel 61 3225-9595 | Fax 61 3225-9219
70300-500 – Brasília, DF
livbrasil@paulinas.com.br

CEARÁ

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Major Facundo, 730
Tel 85 3231-9321 | Fax 85 3231-4238
60025-100 Fortaleza, CE
vozes23@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Major Facundo, 332
Tel 85 3226-7544 / 3226-7398 | Fax 85 3226-9930
60025-100 - Fortaleza, CE
livfortaleza@paulinas.com.br

ESPÍRITO SANTO

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Barão de Itapemirim, 216 - Centro
Tel 27 3223-1318 / 0800-15-712 | Fax 27 3222-3532
29010-050 - Vitória, ES
livvitoria@paulinas.com.br

GOIÁS

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua 3, n. 291
Tel 62 3225-3077 | Fax 62 3225-3994
74023-010 - Goiânia, GO
vozes27@uol.com.br

LIVRARIA ALTERNATIVA
Rua 70, n. 124 - Setor Central
Tel 62 3945-0260 / 3945-0261
62 3945-0262 / 3945-0265
Fax 62 3212-1035
74055-120 - Goiânia, GO
distribuidora@livrariaalternativa.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Av. Goiás, 636
Tel 62 3224-2585 / 3224-2329 | Fax 62 3224-2247
74010-010 - Goiânia, GO
livgoiania@paulinas.com.br

MARANHÃO

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua da Palma, 502 - Centro
Tel 98 3221-0715 | Fax 98 3222-9013
65010-440 - São Luís, MA
livrariavoices@terra.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua de Santana, 499 - Centro
Tel 98 3232-3068 / 3232-3072 | Fax 98 3232-2692
65015-440 - São Luís, MA
lpspsaolu@paulinas.com.br

MATO GROSSO

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Antônio Maria Coelho, 197A
Tel 45 3623-5307 | Fax 45 3623-5186
78005-970 - Cuiabá, MT
vozes54@uol.com.br

MINAS GERAIS

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Sergipe, 120 - loja 1
Tel 31 3048-2100 | Fax 31 3048-2121
30130-170 - Belo Horizonte, MG
vozes04@uol.com.br

Rua Tupis, 114
Tel 31 3273-2538 | Fax 31 3222-4482
30190-060 - Belo Horizonte, MG
vozes32@uol.com.br

Rua Espírito Santo, 963
Tel 32 3215-9050 | Fax 32 3215-8061
36010-041 - Juiz de Fora, MG
vozes35@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Av. Afonso Pena, 2142
Tel 31 3269-3700 | Fax 31 3269-3730
30130-007 - Belo Horizonte, MG
livbelohorizonte@paulinas.com.br
Rua Curitiba, 870 - Centro
Tel 31 3224-2832 | Fax 31 3224-2208
30170-120 - Belo Horizonte, MG
gerencialivbelohorizonte@paulinas.com.br

PARÁ

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Santo Antônio, 278 - Bairro do Comércio
Tel 91 3241-3607 / 3241-4845 | Fax 91 3224-3482
66010-090 - Belém, PA
livbelem@paulinas.com.br

PARANÁ

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Pamphilo de Assumpção, 554 - Centro
Tel 41 3333-9812 | Fax 41 3332-5115
80220-040 - Curitiba, PR
vozes21@uol.com.br

Rua Emiliano Pernetta, 332 - loja A
Telefax 41 3233-1392
80010-050 - Curitiba, PR
vozes64@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Voluntários da Pátria, 225
Tel 41 3224-8550 | Fax 41 3223-1450
80020-000 - Curitiba, PR
livcuritiba@paulinas.com.br
Av. Getúlio Vargas, 276 - Centro
Tel 44 3226-3536 | Fax 44 3226-4250
87013-130 - Maringá, PR
livmaringa@paulinas.com.br

PERNAMBUCO, PARAÍBA, ALAGOAS, RIO GRANDE DO NORTE E SERGIPE

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua do Príncipe, 482
Tel B1 3423-4100 | Fax 81 3423-7575
50050-410 - Recife, PE
vozes10@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Duque de Caxias, 597 - Centro
Tel 83 241-5591 / 241-5636 | Fax 83 241-6997
58010-821 João Pessoa, PB
livjpossou@paulinas.com.br

Rua Joaquim Távora, 71
Tel 82 326-2575 | Fax 82 326-6561
57020-320 - Maceió, AL
livmaceio@paulinas.com.br

Rua João Pessoa, 224 - Centro
Tel 84 212-2184 | Fax 84 212-1846
59025-200 - Natal, RN
livnatal@paulinas.com.br

Rua Frel Caneca, 59 - Loja 1
Tel 61 3244-5812 / 3224-6509
Fax 61 3224-9028 / 3224-6321
50010-120 - Recife, PE
livrecife@paulinas.com.br

RIO DE JANEIRO

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua 7 de Setembro, 132 - Centro
Tel 21 2215-0110 / Fax 21 2508-7644
20050-002 - Rio de Janeiro, RJ
vozes42@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua 7 de Setembro, 81-A
Tel 21 2232-5486 | Fax 21 2224-1889
20050-005 - Rio de Janeiro, RJ
livjaneiro@paulinas.com.br

Rua Dagmar da Fonseca, 45 Loja A/B - Madureira
Tel 21 3355-5189 / 3355-5931 | Fax 21 3355-5929
21351-040 - Rio de Janeiro, RJ
livmadureira@paulinas.com.br

Rua Doutor Borman, 33 - Rink
Tel 21 2622-1219 | Fax 21 2622-9940
24020-320 - Niterói, RJ
livniteroi@paulinas.com.br

ZÉLIO BICALHO PORTUGAL CIA. LTDA.
Rua Marquês de S. Vicente, 225 - PUC
Prédio Cordeal Leme - Pilóti
Telefax 21 2511-3900 / 2259-0195
22451-041 - Rio de Janeiro, RJ

Centro Tecnologia e - Bloco A - UFJR
Ilha do Fundão - Cidade Universitária
Telefax 21 2290-3768 / 3867-6159
21941-590 - Rio de Janeiro, RJ
livrialfianca@prolink.com.br

RIO GRANDE DO SUL

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Riachuelo, 1280
Tel 51 3226-3911 | Fax 51 3226-3710
90010-273 - Porto Alegre, RS
vozes05@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua dos Andradas, 1212 - Centro
Tel 51 3221-0422 | Fax 51 3224-4354
90020-008 - Porto Alegre, RS
livpalegre@paulinas.com.br

RONDÔNIA

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Dom Pedro II, 864 - Centro
Tel 69 3224-4522 | Fax 69 3224-1361
78900-010 - Porto Velho, RO
livportvelho@paulinas.com.br

SANTA CATARINA

EDITORIA VOZES
Rua Jerônimo Coelho, 308
Telefax 48 3222-4112
80010-030 - Florianópolis, SC
vozes45@uol.com.br

SÃO PAULO

DISTRIBUIDORA LOYOLA DE LIVROS LTDA.
Vendas no Varejo
Rua Senador Feijó, 120
Telefax 11 3242-0449
01006-000 - São Paulo, SP
senador@livrarialoynola.com.br

Rua Barão de Itapetininga, 246
Tel 11 3255-0662 | Fax 11 3231-2340
01042-001 - São Paulo, SP
loyola_barao@terra.com.br
Rua Quintino Bocaiuva, 234 - Centro
Tel 11 3105-7198 | Fax 11 3262-4326
01004-010 - São Paulo, SP
atendimento@livrarialoynola.com.br

EDITORIA VOZES LTDA.
Rua Senador Feijó, 168
Tel 11 3105-7144 | Fax 11 3105-7948
01006-000 - São Paulo, SP
vozes03@uol.com.br

Rua Haddock Lobo, 360
Tel 11 3256-0611 | Fax 11 3258-2841
01414-000 - São Paulo, SP
vozes16@uol.com.br

Rua dos Trilhos, 627 - Mooca
Tel 11 2693-7944 | Fax 11 2693-7355
03168-010 - São Paulo, SP
vozes37@uol.com.br

Rua Barão de Jaguará, 1097
Tel 19 3231-1323 | Fax 19 3234-9316
13015-002 - Campinas, SP
vozes40@uol.com.br

LIVRARIAS PAULINAS
Rua Domingos de Moraes, 660 - Vila Mariana
Tel 11 5081-9330 | Fax 11 5081-9366
04010-100 - São Paulo, SP
livdomingos@paulinas.com.br

Rua XV de Novembro, 71
Tel 11 3106-4418 / 3106-0602 | Fax 11 3106-3535
01013-001 - São Paulo, SP
liv15@paulinas.com.br

Av. Marechal Tito, 981 - São Miguel Paulista
Tel 11 6297-5756 | Fax 11 6956-0162
08010-090 - São Paulo, SP
livsmiguel@paulinas.com.br

PORTUGAL

MULTINOVA UNIÃO LIV. CULT.
Av. Santa Joana Princesa, 12 E
Tel 00xx351 21 842-1820 / 848-3436
1700-357 - Lisboa, Portugal

DISTRIBUIDORA DE LIVROS VAMOS LER LTDA.
Rua 4 de infantaria, 18-18A
Tel 00xx351 21 388-8371 / 6081-6996
1350-006 - Lisboa, Portugal

EDITORIA VOZES
Av. 5 de outubro, 23
Tel 00xx351 21 355-1127
Fax 00xx351 21 355-1128
1050-047 - Lisboa, Portugal
vozes@mail.telepac.pt

Este livro foi composto nas famílias tipográficas
Baskerville, Callisch e Candida
e impresso em papel *Offset 75g/m²*



Edições Loyola

editoração impressão acabamento

rua 1822 n° 34/
04216-000 são paulo sp
T 55 11 2914 1922
F 55 11 2063 4275
www.loyola.com.br